



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)
CAMPUS ERECHIM
AGRONOMIA COM ÊNFASE EM AGROECOLOGIA

INDIANARA DOS SANTOS MAIA

PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NO
ASSENTAMENTO VALMIR MOTA - PR

PONTÃO

2018

INDIANARA DOS SANTOS MAIA

**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NO
ASSENTAMENTO VALMIR MOTA- PR**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Agrônomo.

Orientador: João Carlos Ruszczyk

**PONTÃO
2018**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Maia, Indianara dos Santos
PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NO
ASSENTAMENTO VALMIR MOTA-PR/ Indianara dos Santos Maia.
-- 2018.
79 f.:il.

Orientador: João Carlos Ruzczyk.
Co-orientadora: Cleide Aparecida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Agronomia com Ênfase em Agroecologia , Erechim, RS ,
2018.

1. MST. 2. Agroecologia. 3. Assentamentos. 4.
Produção orgânica. 5. Feira. I. Ruzczyk, João Carlos,
orient. II. Ferreira, Cleide Aparecida, co-orient. III.
Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

INDIANARA DOS SANTOS MAIA

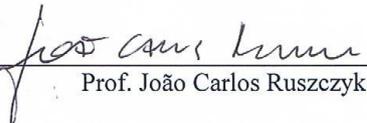
“PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NO
ASSENTAMENTO VALMIR MOTA – PR”

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. João Carlos Ruszczyk

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 06/06/2018.

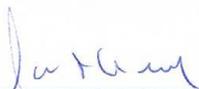
Banca examinadora:



Prof. João Carlos Ruszczyk



Prof. Tarita Ciria Deboni



Prof. Adalberto Floriano Greco Martins

AGRADECIMENTOS

Ao MST por ter proporcionado com sua luta, para que nós pobres tivéssemos direito a cursar uma Universidade Federal e receber um diploma.

A minha família, por ter acreditado em mim, e ter dado todo apoio necessário nessa minha trajetória, minha gratidão e admiração.

A minha noiva Isabel por ter me ajudado nas pesquisas a campo, por me apoiar nos momentos mais difíceis, e estar sempre presente, independente da distância e principalmente pelo carinho e companheirismo.

Ao orientador João Carlos Ruzczyk pela contribuição e paciência com meu trabalho.

As famílias inseridas no grupo de orgânicos as quais foram o foco da minha pesquisa, residentes no assentamento Valmir Mota de Oliveira, que confiaram no meu trabalho e por estarem abertos ao diálogo.

Ao acompanhante Luiz Carlos, por ajudar a pensar algumas linhas do projeto.

As companheiras Joelma Gomes e Cleide Ferreira pelo apoio e contribuição na reorganização do TCC e suporte nas horas de aflição.

A minha turma de Agronomia- Ênio Guterres pelo convívio nesses quatro anos de aprendizado, em especial as Marias Bonitas e aos companheiros Gerry Carpanini e Gabriel Brigueti.

E todos e todas que de uma forma ou outra contribuíram com o trabalho de conclusão de curso em Agronomia com ênfase em Agroecologia.

Dedico esse trabalho a toda classe trabalhadora com um trecho da poesia de Ademar Bogo.

[...] Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro. Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, que o som dos nossos hinos anime nossas consciências e que a luta redima nossa pobreza, que o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade.

Há uma nação de homens excluídos da nação. Há uma nação de homens excluídos da vida. Há uma nação de homens calados, excluídos de toda palavra. Há uma nação de homens combatendo depois das cercas. Há uma nação de homens sem rosto, soterrado na lama, sem nome, soterrado pelo silêncio. Eles rondam o arame das cercas alumiado pela fogueira dos acampamentos. Eles rondam o muro das leis e ataram no peito uma bomba que pulsa: o sonho da terra livre. O sonho vale uma vida? Não sei. Mas aprendi da escassa vida que gastei: a morte não sonha. A vida vale um sonho? A vida vale tão pouco do lado de fora da cerca... A terra vale um sonho? A terra vale infinitas reservas de crueldade, do lado de dentro da cerca (TIERRA. 1996).

RESUMO

O trabalho foi realizado no Assentamento Valmir Mota de Oliveira, localizado no município de Cascavel no Paraná. Visando à trajetória dessas famílias camponesas na produção de alimentos orgânicos e/ou agroecológicos, conhecendo o histórico dessas famílias e as potencialidades que as unidades de produção apresentam, adotando práticas agroecológicas, qualificando, quantificando e diversificando a produção de alimentos orgânicos com geração de renda e sustentabilidade na unidade familiar, compreendendo e interagindo nas questões políticas, sociais, ambientais e econômicas. Tem como objetivo identificar a base material em agricultura orgânica e/ou agroecologia no assentamento, suas principais contradições e tendências neste processo de desenvolvimento, ao qual precisa avançar na compreensão e prática da matriz agroecológica. Pois a problemática do assentamento está em torno do modelo de produção adotado pela maioria das famílias. Com o intuito de mostrar a experiência do grupo de orgânico Valmir Mota, aonde as famílias vêm avançando no processo de comercialização nos circuitos curtos como a feira agroecológica na Uniãoeste, mas que tem grandes desafios na questão da sistematização, aumento da produção orgânica e/ou agroecológica nas unidades de produção e formação de novos grupos de orgânicos de forma participativa.

Palavras chave: MST. Agroecologia. Assentamento. Agricultura orgânica. Feira.

RESUMEN

El trabajo fue realizado en el Asentamiento Valmir Mota de Oliveira, ubicado en el municipio de Cascavel en Paraná. En el marco de la trayectoria de esas familias campesinas en la producción de alimentos orgánicos y / o agroecológicos, conociendo el histórico de esas familias y las potencialidades que las unidades de producción presentan, adoptando prácticas agroecológicas, calificando, cuantificando y diversificando la producción de alimentos orgánicos con generación de renta y sostenibilidad en la unidad familiar, comprendiendo e interactuando en las cuestiones políticas, sociales, ambientales y económicas. Se pretende identificar la base material en agricultura orgánica y / o agroecología en el asentamiento, sus principales contradicciones y tendencias en este proceso de desarrollo, al que necesita avanzar en la comprensión y práctica de la matriz agroecológica. Porque la problemática del asentamiento está en torno al modelo de producción adoptado por la mayoría de las familias. Con el fin de mostrar la experiencia del grupo de orgánico Valmir Mota, donde las familias vienen avanzando en el proceso de comercialización en los circuitos cortos como la feria agroecológica en la Unioeste, pero que tiene grandes desafíos en la cuestión de la sistematización, aumento de la producción orgánica y / o agroecológica en las unidades de producción y formación de nuevos grupos de orgánicos de forma participativa.

Palabras clave: MST. Agroecología. Asentamiento. Agricultura orgânica. Feira.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Diversidade de vegetais e animais encontrados nas unidades de produção das famílias inseridas no grupo dos orgânicos.....	54
Quadro 2 – COPCRAF, Tabela de preços do PNAE estadual de 2018.....	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Brasil, o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.	12
Figura 2- Primeiras reuniões do grupo de orgânicos, ainda em fase de acampamento.	39
Figura 3- Reunião do grupo seguido de oficina	40
Figura 4- Feira de produtos orgânicos na APP sindicato (Associação de Pais e Professores).	41
Figura 5- Feira realizada na Unioeste campus de Cascavel.	42
Figura 6- Reunião do grupo de orgânicos na casa de um dos integrantes.....	53
Figura 7- Visita de pares, em uma das unidades de produção do grupo de orgânicos.	62
Figura 8- Momento de estudo sobre criação de galinhas caipiras.....	64
Figura 9- Reunião do grupo Valmir Mota na escola Zumbi dos Palmares.	65
Figura 10- Feira agroecológica na Unioeste campus de Cascavel	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Declividades encontradas no Assentamento Valmir Mota.....	51
Tabela 2- Lista de produtos comercializados na feira da Unioeste/ campus de Cascavel-Março de 2018.	56
Tabela 3- Lista de folhosas, plantas panc's e frutas comercializadas na feira agroecológica da Unioeste- campus de Cascavel- Março 2018.	56
Tabela 4- Lista de frutas e raízes comercializadas na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.	57
Tabela 5- Lista de algumas sementes comercializadas na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.	57
Tabela 6- Lista de plantas medicinais doces comercializados na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.....	58
Tabela 7- Lista dos produtos levados por encomenda na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.	59
Tabela 8- Tabela de preços do PNAE estadual de 2018.....	69

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CAPA- Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia.

CEAGRO- Centro de Desenvolvimento Sustentável Agropecuário de Educação e Capacitação em Agroecologia e Meio Ambiente.

COPCRAF- Cooperativa de Produção e Comercialização da Reforma Agrária e Agricultura Familiar.

ECOVIDA- Circuito de certificação.

ITEPA- Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária.

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

NB- Núcleo de Base.

PAA- Programa Aquisição de Alimento.

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar.

UNIOESTE- Universidade do Oeste do Paraná.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	15
2.1 REFLEXOS DA AGRICULTURA NO ASSENTAMENTO VALMIR MOTA.....	15
2.1.1 Contextualização do município de Cascavel/ PR.....	19
2.1.2 Contextualização do Assentamento Valmir Mota-PR.....	22
2.2 A LUTA PELA TERRA NO MST E A AGROECOLOGIA	23
2.3 PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ORGÂNICOS: DESAFIOS, LIMITES E POTENCIALIDADES ENCONTRADAS.....	34
3. METODOLOGIA.....	48
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	49
4.1 AS FAMÍLIAS ESTUDADAS E SEU ESPAÇO	49
4.2 PARA MAIOR COMPREENSÃO E ANÁLISE DA REALIDADE PESQUISADA ..	52
4.3 A PRODUÇÃO E AS UNIDADES	53
4.4 AMBIENTES, A AGROECOLOGIA E NOVOS PROCESSOS.....	60
4.5 A CULTURA, O COTIDIANO E SEUS DESAFIOS	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
APÊNDICES	78

1. INTRODUÇÃO

Historicamente o campo da agricultura brasileira foi alvo de vários conflitos sociais os quais envolvem direta e indiretamente a propriedade privada da terra. Com o avanço da mecanização do campo e diante disso a alteração dos meios produtivos vai resultar em uma grande parcela de excluídos desse modelo de desenvolvimento. Ao passar por essas mudanças abruptas, especialmente com o processo da revolução verde iniciado a partir da década de 1970, a agricultura vai se configurar de modo a prevalecer a grande propriedade agrícola. Deste modo os conhecimentos dos agricultores familiares foram sendo substituídos pelos pacotes tecnológicos, e o trabalho braçal foi sendo substituído pelas grandes máquinas. Com isso se evidencia um esvaziamento no campo, em direção aos grandes centros urbanos. Sem oportunidades e condições de vida, esta população vai ocupar as grandes periferias, e posteriormente muitos destes vão engrossar as fileiras dos movimentos sociais; o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, exemplo, qual é tratado na pesquisa. O Brasil em 2008 foi reconhecido como o principal consumidor de agrotóxicos¹ com elevados índices de utilização, principalmente nos alimentos como mostra a figura abaixo.

Figura 1- Brasil é considerado o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.



Fonte: Google imagem, 2018.

¹ Segundo Rigotto (2011), a posição alcançada pelo Brasil como maior consumidor mundial de agrotóxicos está inserida em um contexto de reestruturação produtiva no plano mundial e em especial na América Latina, cabendo a países deste continente o papel de produtores de commodities para o mercado internacional (ABRASCO, p. 107, 2015).

Em 2009 o Brasil foi o maior mercado consumidor de agrotóxicos do mundo, Um aumento de 127% ocorreu entre os anos de 2003 e 2008, e o uso abusivo de agrotóxicos vem sendo noticiado pela mídia e anunciado por pesquisas (AZEVEDO, 2012, p.50).

O Estado do Paraná é o maior consumidor de agrotóxico do Brasil, onde a cidade de Cascavel é um polo do agronegócio, e com isso vem aumentando os índices de enfermidades causadas pelo uso de agrotóxicos², como o câncer.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra³ desde sua criação em 1984 busca através das suas lutas acesso a terra, Reforma Agrária⁴ e soberania alimentar⁵, ou seja, uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, onde as famílias tem acesso a um pedaço de terra pra morar, ter uma vida mais digna e poder plantar seu próprio alimento, podendo assim optar por um novo modelo de produção que vise uma alimentação mais saudável, sem agredir a natureza e saúde humana.

E com isso vem se trabalhando a proposta da agroecologia como uma estratégia alternativa, pois segundo pesquisadores como Josué de Castro aborda “comer é um ato político⁶”, divulgou o “programa de dez mandamentos para vencer a fome” em 1953.

Quando era presidente do Comitê Executivo da organização das Nações Unidas para agricultura e alimentação (FAO), divulgou o “Programa de dez pontos para vencer a fome”, que em termos de concisão, não poderia ser melhor: 1) Combate ao latifúndio; 2) Combate à monocultura em largas extensões sem as correspondentes zonas de abastecimento dos grupos humanos nela empregada; 3) Aproveitamento racional de todas as terras cultiváveis circunvizinhas dos grandes centros urbanos para a agricultura de sustentação, principalmente, de substâncias perecíveis como frutas, legumes e verduras, que não resistem a longos transportes, sem os recursos técnicos da refrigeração; 4) Intensificação do cultivo de alimentos sob forma de policultura nas pequenas propriedades; 5) Mecanização intensiva da lavoura, da qual dependem os destinos produtivos de toda nossa economia agrícola; 6)

² Para mais informações consultar o livro dossiê da ABRASCO: uma alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde (CARNEIRO, Fernando Ferreira - Org.).

³ Sem Terra tornou-se nome próprio, nome de trabalhadores organizados lutando pela reforma agrária e para transformar a sociedade. Sem Terra tornou-se sinal do resgate da dignidade de trabalhadores e trabalhadoras chamados de vagabundos, chutados de um canto para outro. Conquistou, pela sua opção de entrar na luta, uma identidade: sou Sem Terra. Tornou-se, por causa do MST, um cidadão respeitado. E, o MST nada mais é do que centenas de milhares de Sem Terra (MST, 2000, pp. 33/34).

⁴ Reforma Agrária: está com letra maiúscula em respeito e referencia, tal qual como ela merece, pelo fato de se tratar de um projeto político da classe trabalhadora, tendo o objetivo de promover à distribuição mais justa das terras garantindo sua função social, neste sentido a educação, segurança alimentar, democracia e a saúde estão no conceito de Reforma Agrária.

⁵ Soberania alimentar: O conceito de soberania alimentar foi inicialmente postulado pela Via Campesina e pode ser enunciado como “o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo.” (Boletim informativo, edição especial dia da alimentação Outubro de 2008).

⁶ “A política de alimentação envolve, como qualquer política, nossa liberdade. Lembramos ainda (às vezes) que não podemos ser livres se nossas mentes e vozes são controladas por alguém. Mas negligenciamos de entender que não podemos ser livres se nossos alimentos e suas fontes são controlados por alguém. Essa condição de consumidor passivo de alimentos não é uma condição democrática. Uma razão para comer responsável é de viver livre.” (Wendell Berry-agricultor e ativista americano, 2009).

Financiamento bancário adequado e suficiente da agricultura assim como garantia da produção pela fixação de bom preço mínimo; 7)Progressiva diminuição até a absoluta isenção de impostos da terra destinada inteiramente ao cultivo dos produtos de sustentação; 8) Amparo e fomento ao cooperativismo, que poderá servir de alanca impulsionadora à nossa incipiente agricultura de produtos alimentares; 9) Intensificação dos estudos técnicos de Bromatologia e Nutrologia no sentido de que se obtenha um conhecimento mais amplo do valor real dos recursos alimentares; 10) Planejamento de uma campanha, de âmbito nacional, para a formação de bons hábitos alimentares, o qual envolva não só o conhecimento dos princípios históricos de higiene como o amor a terra, os rudimentos de economia agrícola e doméstica, os fundamentos da luta técnica contra a erosão (MST 2015, p.103).

O trabalho tem como objetivo identificar a base material em agricultura orgânica e/ou agroecologia, no Assentamento Valmir Mota de Oliveira, suas principais contradições e tendências neste processo de desenvolvimento, a partir desse objetivo geral, elencamos alguns objetivos específicos para contribuir no procedimento das investigações: 1) Conhecer o processo histórico de construção de processos em agricultura orgânica/ ou agroecologia no assentamento; 2) Sistematizar dados dos processos de produção e comercialização agroecológica e 3) Identificar limites e desafios ao desenvolvimento produtivo.

Com o intuito de alcançar os objetivos se recorrerá aos estudos metodológicos de campo, com entrevista aos agricultores (as) assentados no assentamento que fazem parte do grupo de orgânicos, com consumidores da feira Agroecológica realizada na Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste) e lideranças do assentamento. Os sujeitos participantes das pesquisas são mulheres e homens que buscam ter uma alimentação mais saudável.

Para apresentar a monografia, estruturou-se em três capítulos de maneira que no primeiro capítulo abordará a história da agricultura. O segundo capítulo será pautado a luta pela terra no MST, a construção da agroecologia e a lógica camponesa. O terceiro capítulo estará focado nos desafios, limites e potencialidades encontradas nesse processo.

2. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

O referencial bibliográfico abordará as principais referências, buscando compreender as questões que envolvem a produção e comercialização de alimentos orgânicos no Assentamento Valmir Mota.

2.1 REFLEXOS DA AGRICULTURA NO ASSENTAMENTO VALMIR MOTA

Conforme se apresenta a história, a cerca de aproximadamente 10 mil anos atrás, a humanidade vivia basicamente da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres e raízes. Em grupos, migravam de um lado para outro, sempre que a natureza não apresentava mais o suficiente para a sobrevivência de todos. Podemos definir a civilização como um grupo humano que tem semelhantes características sociais, políticas, econômicas e culturais e vive no mesmo território e sob o controle do mesmo poder político. As primeiras civilizações cresceram na Mesopotâmia (com os Sumérios, inventores da escrita), e no Egito (BORIS, 2006). Para Konder (1981), a evolução do trabalho do homem ocorreu pela apropriação destes dois instrumentos da natureza aplicados às necessidades de subsistência humana.

[...] O homem primitivo se guiava por seus instintos, por suas necessidades imediatas. Era a natureza quem comandava os movimentos dele, ele fazia o que a natureza exigia. Quando desenvolveu uma determinada capacidade de modificar a natureza pelo seu trabalho, entretanto, o ser humano adquiriu uma certa independência em face a natureza. E passou a produzir seus meios de subsistência [...] Ocorre também, que o desenvolvimento do trabalho não teve apenas conseqüências positiva, uma conseqüência trágica: a escravidão [...] E com a exploração social do trabalho escravo, aparecem a primeira forma de divisão social do trabalho e a primeira forma de propriedade privada (KONDER, 1981, p.69 e 70).

Para Marx, é possível entender que as relações de produção determinam as relações sociais, isto é, a sociedade se caracteriza a partir das forças produtivas e das relações de produção, que apontam para as grandes transformações desses processos. O homem como ser social racional diferencia-se dos demais animais, podendo acumular as experiências e interferir na natureza a garantir cada vez mais satisfatoriamente a sua sobrevivência. Com base no pressuposto em evidência, na dialética o homem apropria-se da produção cultural universal nas relações sociais que estabelece e vai produzindo sua consciência, logo, o passa a agir e pensar como ser consciente e não pura consciência conforme destaca Marx (1988):

[...] O homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mãos a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modifica-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. [...] o trabalho pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes as do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-la em cera. No fim do processo de trabalho, obtém um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalho [...]. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza seu objetivo, que ele sabe que determina como lei a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar a sua vontade (p.149-150).

Com base na afirmação compreende-se que a sociedade é resultado da ação humana e esta, como tal, organiza-se a partir de diferentes formas de trabalho que geram diversificadas formas de vida em sociedade a partir de seu processo de aperfeiçoamento. Ainda segundo o autor, existem classes sociais e a relação entre as pessoas ocorre pelo antagonismo entre as classes. E com isso toda a história da humanidade se constituiu a partir de opressores e oprimidos, portanto, as desigualdades sociais são uma das principais formas de manutenção do sistema capitalista.

Marx e Engels (1993) destacam que o desenvolvimento da vida material é contínuo e diferenciado em cada sociedade e que os homens transformam suas relações sociais e conseqüentemente seu modo de produção de acordo com as possibilidades de cada momento histórico.

[...] uma soma das forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos, que cada geração transmite á geração seguinte; uma massa de forças produtivas, de capitais e de condições que, embora sendo em parte modificada pela nova geração, prescrevem a estas suas próprias condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial. Mostra que as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias (1993, p.56).

A divisão do trabalho separa o produtor e o meio de produção onde o trabalhador não se sente parte do processo produtivo, assim vai fortalecendo as relações do capital, não se conhecendo em seu trabalho, sendo assim uns ficavam com o trabalho braçal, enquanto outros ficavam apenas com o trabalho de pensar como seria e dar ordens. Marx (1996) destaca esse processo,

[...] o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de separação de trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo

que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital, por outro, os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como “primitivo” porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde (I p. 340).

Nesse processo de acumulação, nos problemas e conflitos entre o capital/trabalho, o Estado tem um papel fundamental, onde este contribui para que as desigualdades ocorram, agindo como uma ferramenta da classe dominante sobre uma classe de oprimidos.

O papel do Estado é precisamente o de conciliar a classes. Segundo Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de opressão de uma classe por outra, é a criação de uma << ordem >> que legaliza e consolida esta opressão, moderando o conflito das classes. Segundo a opinião dos políticos pequeno-burgueses, a ordem é precisamente a conciliação das classes e não a opressão de uma classe por outra; moderar o conflito é conciliar, e não retirar certos meios e processos de luta às classes oprimidas no combate pelo derrubamento dos opressores (LENINE 1918, p. 9).

Para manter essa relação de produção cumpre um papel de cobrar os impostos da população menos desfavorecida, obrigando assim a vender sua força de trabalho em troca de um salário, sendo este menor que as riquezas produzidas gerando assim a Mais Valia, ou seja, o trabalho não pago pelo patrão mão de obra empregada.

[...] Como o Estado nasce da necessidade de reprimir as contradições das classes, mas como nasce, ao mesmo tempo, no seio do conflito dessas mais poderosas, da classe que domine economicamente e que, com ajuda dele, se torna também a classe politicamente dominante, adquirindo assim novos meios para dominar e explorar a classe oprimida... Assim como o Estado antigo e o Estado feudal foram os órgãos da exploração contra os escravos e contra os servos, também o Estado representativo moderno é o instrumento da exploração do trabalho assalariado pelo capital (LENINE, 1918, p.15).

Nesse contexto quando o Estado passa a representar toda a sociedade, tem que fazer a mediação entre as classes. Com isso vários conflitos e revoltas foram acontecendo em torno da luta pela terra e assim algumas reformas sociais foram sendo criadas, pois somente uma minoria da população participava das decisões do Estado, onde o voto era um elemento fundamental na participação, mas nem todos tinham direito ao voto⁷, as mulheres, por exemplo, só conseguiram esse direito em 1932 depois de muitas lutas sociais.

⁷ O dia 24 de fevereiro foi um marco na história da mulher brasileira. No código eleitoral Provisório (Decreto 21076), de 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, o voto feminino no Brasil foi assegurado, após intensa campanha nacional pelo direito das mulheres ao voto (Jornal GGN, 2014).

Inúmeros direitos eram negados aos menos desfavorecido, inclusive o direito a terra, vindo na luta pela Reforma Agrária a única saída para conquistar seus direitos, começaram a ocupar os latifúndios e distribuir a terra para aquelas que não tinham lugar pra morar e plantar seu alimento.

Os processos de exploração iniciados nos tempos de colonização passam por mudanças estruturais e novos processos históricos, como é o caso da revolução verde, pois está reestruturando os processos de exploração, relação social e relação entre homem e a natureza.

A essência da “revolução verde”, hoje gerida explicitamente pelo capital financeiro, que controla o pequeno grupo de multinacionais que detém as patentes das sementes e a produção de fertilizantes e agrotóxicos, é mudar o ambiente e implantar as imensas monoculturas, incorporando grandes contingentes energéticos, via “insumos modernos”, produtos do petróleo, todos produzidos pelas multinacionais que, por sua vez, são controladas pelo capital financeiro que, assim, realiza a reprodução do capital em um novo segmento econômico, o agronegócio, ou agricultura industrial. Os danos ambientais logo aparecem (MACHADO, 2014, p. 54).

Com a evolução da agricultura, surgiu a revolução verde⁸,

O paradigma da “revolução verde” e respectiva agricultura industrial se apoia em três “princípios”, todos para citar a dependência e, portanto, custos para o produtor: fertilizantes de síntese química, ureia, superfosfatos, cloreto de potássio e tantos outros, venenos contaminantes da vida humana e da vida do ambiente (agrotóxicos) e as monoculturas que destroem a biodiversidade e, conseqüentemente, os biomas. Ou seja, para gerar novas fontes de reprodução do capital, que é finalmente, o objetivo dos detentores do controle dessas indústrias, o capital financeiro internacional. A agroecologia, ao se contrapor ao agronegócio, e, portanto, negando esses procedimentos custosos e destrutivos, soluciona os problemas criados pela “revolução verde” através de condutas e processos simples e eficientes como a própria essência da natureza: desintoxicação do solo, sem rotulagem; controle dos parasitas (e dos agrotóxicos) pela trofobiose; nutrição das plantas através do ciclo de etileno no solo e das substâncias complexas de alto peso molecular e dispensa dos fertilizantes externos pela ação dos micro-organismos do solo, por meio da transmutação dos elementos a baixa energia. E tudo isso com proteção ambiental e sem custos financeiros o produtor, pois todos esses processos são realizados, em última análise, à custa da energia solar que, repetimos, em termos humanos é infinita, não tem dono e não pode ser vendida (MACHADO, 2014, p. 61).

Onde as máquinas substituíram a mão de obra braçal e os conhecimentos dos pequenos agricultores foram sendo substituídos pelos pacotes tecnológicos⁹, assim começou

⁸ A “revolução verde” e seu sucedâneo, o agronegócio, é sem dúvida, uma das causas das catástrofes sociais que a humanidade está vivendo (MACHADO, 2014, p. 58).

⁹ Pacotes tecnológicos nada mais eram do que receitas a serem aplicadas nas diversas regiões do país nos cultivos e nas criações (MACHADO, 2014, p. 55).

os problemas relacionados ao meio ambiente e a saúde humana, pelo excesso de uso dos agrotóxicos, desmatamento, erosões, monocultura, êxodo rural e os grandes conflitos agrários.

Como já se viu a agropecuária brasileira vivia, no final da década 1950/ início de 60, um quadro de atraso tecnológico. Em 1964, com o golpe militar, coincidentemente a “revolução verde” passa a ser a política agrícola oficial. Estabelecem-se programas de apoio à “revolução verde”, inclusive a Embrapa, criada em 1973, é fruto dessa política (MACHADO, 2014, pp. 54/55).

Com a entrada dos pacotes tecnológicos no campo, os camponeses procuraram formas de continuar resistindo no campo, sendo uma dessas formas manterem a produção de alimentos diversificado e saudáveis.

Sabemos, então, que nossa história está assentada há muitos séculos, anteriores à chegada das caravelas europeias. Sabemos, também, que conhecer a agricultura no Brasil implica percorrer por estes séculos vividos por nossos ancestrais (...). Toda grandiosidade histórica presente no território brasileiro nos motiva para um esforço coletivo ainda maior, de ruptura das cercas da ignorância sobre nossas origens, e para superarmos a dominação ideológica imposta pela ordem burguesa a uma compreensão real da agricultura e do que é o propalado pelo agronegócio (TARDIN, 2015, p.28).

Os pacotes tecnológicos é uma forma que o agronegócio lançou no país para disseminar a agricultura industrial, tendo nas suas receitas agronômicas a dependência dos agricultores em função dos agrotóxicos e das grandes multinacionais.

O mecanismo de dependência é simples e fácil de entender: as multinacionais controlam a produção e comércio de sementes que são “melhoradas”, visando à uniformidade fenotípica com altas produções. Essas uniformidades eliminam as resistências naturais e aumentam a vulnerabilidade das culturas, criando-se a dependência dos agrotóxicos. As multinacionais que fabricam agrotóxicos são as mesmas que controlam o “melhoramento”, a produção e a comercialização de sementes. A uniformidade genética leva à perda de variedades e torna as plantas vulneráveis às pragas e doenças (MACHADO, 2014, p.59).

2.1.1 Contextualização do município de Cascavel-PR

O Paraná é o terceiro Estado do país com maior consumo de agrotóxicos, sua agricultura é baseada hoje na grande produção de monoculturas como a cana de açúcar, o milho, a soja, a mandioca, o trigo, o feijão, a batata, a laranja, a cevada e o centeio que fortalecem a indústria e sua grande maioria é destinada para a exportação em outros países. No estado tem grandes conflitos por terra, devido ao modelo de produção que se estabelece, sendo o acesso à terra pouco expressivo.

A dificuldade de acesso a terra é um elemento que impede ou dificulta o estabelecimento de novas famílias no espaço rural. O acesso a terra via programa da reforma agrária ou reassentamento ainda é pouco expressivo, não chegando a 10% para o Brasil e para o Paraná. O acesso a terra no Brasil aponta, de maneira geral, para uma realidade que reitera a necessidade de se fazer valer o princípio legal da função social da propriedade previsto no Estatuto da Terra (IPARDES, 2010, pp. 16/17).

O estado do Paraná tem muitos conflitos por terra, sejam em áreas de reforma agrária, áreas de quilombolas etc., o Assentamento Valmir Mota é um exemplo disso. Pois com a mobilização do MST e a luta pela terra e a conquista de novos assentamentos, intensificou os conflitos por terra em contra ponto com o agronegócio.

A luta dos camponeses se constitui numa das principais características do campo brasileiro e paranaense. Resultante do processo de enfrentamentos com os proprietários de terra e capitalistas, os camponeses têm conseguido algum resultado em seu favor que se materializa, sobretudo, na conquista da terra (assentamentos), créditos, infraestrutura, renegociação de dívidas, políticas públicas. A partir das informações coletadas em jornais de circulação estadual e regional está sendo elaborado o Dataluta/Paraná, ou seja, um banco de dados das lutas realizadas no campo paranaense (FABRINI; ROOS; MARQUES, 2007, P. 33).

O município de Cascavel, ao qual o assentamento está localizado, faz parte do bioma Mata Atlântica, e tem distribuição fitogeográfica formada principalmente por floresta ombrófila mista (floresta com araucária, mata dos pinhais) da subdivisão tipo montana (altitude acima dos 400 metros (921 m) e, frequência de até 175 indivíduos por hectare, com DAP superior a 6,4cm), e por outra parte de estepe gramíneo-lenhosa do tipo campo natural (INCRA, 2013).

No município predominam os Latossolos, ocorrendo ainda neossolos e cambissolos além de pequena porção de gleissolos. Apresenta em maior extensão uma declividade pouco acentuada, com declives de até 10%, apresenta também parte significativa do município com declividades entre 10 e 45% (ITCG, 2008). Ao norte é ondulado, constituído por colinas amplas e baixas declividades e ao sul, média e alta declividade e onde o relevo apresenta-se acidentado (PREFEITURA DE CASCAVEL, 2012).

Os cursos d'água que banham o município de Cascavel pertencem a três bacias: bacia do rio Piquiri, bacia do rio Paraná e bacia do rio Iguaçu. O rio Cascavel (principal rio do município) tem grande parte de suas nascentes dentro do perímetro urbano e está situado entre os Paralelos 24° 32' e 25° 17' de latitude sul e os meridianos 53° 05' e 53° 50' de longitude oeste. O canal do rio principal apresenta em seu desenvolvimento uma extensão aproximada

de 17,5 Km, apresentando como cotas topográficas máximas e mínimas, respectivamente 767 e 580 metros. As nascentes do rio Peroba (afluente do rio Cascavel), que está localizado na área rural, possuem cobertura florestal nativa (PREFEITURA DE CASCAVEL, 2012).

Cascavel é um município fortemente voltado ao setor de serviços e à indústria. As explorações agrícolas, pecuárias, silviculturas, explorações florestais e pesca, apesar representam um percentual muito pequeno de participação no Valor Adicionado Bruto do município (3,2%), bem atrás da indústria e do setor de serviços. Apesar de representar pouco no Valor Bruto Nominal (VBN) da produção agropecuária, o setor agropecuário ocupa uma área de 143.205 hectares, cabendo destacar uma área de 1.755 hectares distribuída em 161 estabelecimentos e utilizada para horticultura e floricultura. São fortes no município a produção de soja, a avicultura, a produção de leite, a produção de milho e a suinocultura que se encontram entre as 46 atividades com um Valor Bruto de Produção superior a um milhão de reais no ano de 2011 (IPARDES, 2011).

As atividades no município começaram com o ciclo da erva mate, ciclo da madeira, agricultura e agroindustrialização. É uma cidade polo no agronegócio no Paraná, uma cidade cercada pelos monocultivos da soja, trigo e milho.

As forças que tornaram Cascavel um polo regional também estão ligadas ao agronegócio, desde a presença de culturas agroindustriais, passando pela comercialização, até o desenvolvimento da oferta de serviços cada vez mais especializados. Somente no setor de avicultura, um dos mais expressivos da região, mais de dois milhões de aves são abatidas diariamente (PREFEITURA DE CASCAVEL, 2018).

Cascavel é uma das cidades de referencia no estado do Paraná quando se diz em agronegócio, industrialização e principalmente na divulgação dos novos implementos da tecnologia na agricultura de grandes escalas. Encontra-se na cidade as empresas que fortalecem o agronegócio e a monocultura no mundo, como a Monsanto e a Bayer, na manipulação das sementes e muitas outras que dominam a cadeia produtiva.

No início de todo ano, é realizado o show rural Coopavel no município, localizado na BR 277, a uns 15 minutos do assentamento, onde se concentra todos os anos, as mais altas tecnologias para a agricultura, voltadas para as grandes propriedades, grandes extensões de terras, voltadas para o monocultivos. Tecnologia de ponta não só para o Paraná, mas para todas as regiões do Brasil, esse evento ajuda a manter a economia da cidade.

E há pouco tempo foi instalado nesse evento, um espaço de responsabilidade dos técnicos da rede ECOVIDA em parceria com o CAPA (Centro de Apoio e Promoção da

agroecologia), um espaço alternativo onde pode-se apresentar uma vitrine agroecológica, mostrando seus princípios e técnicas empregadas no manejo e controle de pragas e doenças, com a contribuição das companheiras que prestam assistência técnica no assentamento e na região, na organização e apresentação desse espaço de conhecimentos. Com essa iniciativa abre um caminho para os benefícios que a agroecologia nos oferece, tanto quando se refere à saúde, quanto aos benefícios à natureza.

2.1.2 Contextualização do Assentamento Valmir Mota-PR

O Assentamento Valmir Mota de Oliveira é oriundo de varias ocupações¹⁰ e luta pela terra, localizado no complexo Cajati. O acesso ao assentamento fica na rodovia BR 277 km 571,5 no qual encontra se asfaltado em boas condições, este liga os municípios de Cascavel e Ibema, saída para Curitiba. É composto por 83 famílias assentadas, as quais trabalham nas atividades leiteiras, criação de pequenos animais, cultivo de hortaliças, frutas, plantas medicinais e cultivo de cereais e necessitam de uma agroindústria para qualificar a produção das unidades.

Apesar da maior parte do assentamento se encontrar em terreno plano ou suave ondulado, que permitem atividades mecanizadas e cultivo de culturas anuais, devem ser aplicadas práticas especiais de conservação do solo, de fácil execução, para a produção segura e permanente de colheitas entre médias e elevadas, de culturas anuais adaptadas a região (FERREIRA, 2017, p.53).

Uma das definições das famílias foi adotar o sistema agroecológico de desenvolvimento da agricultura, que é uma definição pautada pelo MST com a perspectiva de se tornar referência na produção agroecológica. O Assentamento,

(...) dispõe de uma comunidade em permanente construção, com escola, espaço para reuniões, com energia elétrica e com abertura de estradas principal e secundária. A produção atual no Assentamento Valmir Mota de Oliveira é de subsistência com comercialização de excedente. No que diz respeito a instabilidade e construção de benfeitorias nos lotes, muita coisa se tem construída em cada parcela, pode se considerar um avanço e organização se for partir do entendimento de que não foram estipulados recursos para tal fim, mas esta deve-se especialmente a organização do grupo familiar individual e coletivo (FERREIRA, 2017, P.53).

¹⁰ A ocupação de terra não é uma forma de luta criada pelo MST. Ela é tão antiga quanto os camponeses sem terra na história. Em todas às épocas ela foi escolhida como símbolo da rebelião dos levantes dos trabalhadores do campo. Mas o processo de fazer esta opção de luta, e o jeito como ela é feita, certamente é característico e constitui uma parte rica da história de cada grupo que dela fez uso (CALDART, 2000:81).

2.2 A LUTA PELA TERRA NO MST E A AGROECOLOGIA

O MST como ousamos dizer é uma organização que é herdeira de outras organizações e de outras lutas que houve no Brasil desde o período da invasão dos europeus por parte dos espanhóis e portugueses a exemplo das Ligas Camponesas do Master (Movimento dos agricultores Sem Terra) e tantas outras revoltas.

Nas ocupações em defesa da luta pela terra, com vitória dos acampados, da fazenda Burro Branco, em Santa Catarina, algumas famílias ocuparam uma fazenda chamada Annoni em 1982, no município de marmeleiro no Paraná, reanimou a luta pela terra no Estado. Essas famílias eram organizadas pelo Mastro. As lutas da fazenda Mineira e da Fazenda Annoni foram à base da formação do MST no Estado do Paraná. Onde vários movimentos de trabalhadores como Mastro e Mastel se ingressavam no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MORISSAWA, 2001, p. 130).

No Paraná talvez o marco da luta pela terra esteja na revolta do contestado¹¹ que aconteceu na divisa do Paraná com Santa Catarina a mais de 100 anos atrás em 1912 / 1916. O Paraná é um estado importante para entender a luta pela terra, pois é onde o marco da luta mais contemporânea do movimento germinou, contribuiu para a origem do movimento no estado à construção do lago da ITAIPU, da usina hidrelétrica ITAIPU. Onde acabou desalojando centenas de famílias principalmente na região oeste do Paraná, sendo assim essas famílias para pode ser ressarcidas pelo alagamento das terras fizeram ocupações em Foz do Iguaçu, era um movimento que na época se chamava “Justiça e Paz”.

Era um período bastante difícil, pois estava no início da reabertura democrática no Brasil, o país atravessava um período turbulento da ditadura militar, um campo com muita violência nas cidades, desemprego e miséria e havia vários movimento também regionais, naquele período nas principais regiões, nas principais cidades como Londrina, Cascavel e Francisco Beltrão. Em Londrina era o movimento Mastel, aqui no oeste era o Mastro, no sudoeste era o Mastes entre outros, e somado a isso tinha outras lutas dos outros estados do sul. Já vinham do Rio Grande do Sul as ocupações em 1979, como um marco também num processo de denuncia, para fazer a sociedade compreender que naquele momento, havia muita perda de direito, muita miséria, os camponeses estavam perdendo suas terras, principalmente os pequenos agricultores, os posseiros, pelo fato da mecanização no campo e todo o processo da revolução verde, que é à base desse processo também (Representante do

¹¹ No início do século XX, entre 1912 e 1916, na área então disputada pelos estados do Paraná e Santa Catarina, denominada região do Contestado, uma luta camponesa pela posse da terra levou às armas cerca de 20 mil pessoas, gerando um dos maiores conflitos, sociais da história do país. Os caboclos, população que habitava a região se revoltou contra os governos estaduais, que promoviam a concentração da terra em benefício dos grandes fazendeiros. Também a revolta ocorreu contra o governo federal, que concedeu uma extensa área de terra à empresa norte-americana – Brazil Railway Company - responsável pela construção do trecho da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, que ligava o sul com o sudeste do Brasil (AMADOR).

MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

Em 1982 em outras partes do Brasil, como marco da construção do movimento no Brasil e no Paraná, foi realizado o primeiro encontro nacional do movimento, onde se funde o MST, que seria a junção desses vários movimentos espalhados pelo sul do Brasil que aconteceu em Cascavel, no período de 21 á 24 de Janeiro de 1984 e foi onde que se compreendeu naquele momento, naquela análise, que era preciso construir um movimento a nível nacional.

Onde os movimentos isolados regionalmente não tinham mais forças suficientes para avançar, para fazer com que o Estado e o governo atendessem suas pautas, e era necessária a construção de um movimento nacional com a união de todos, com a unificação. Foi um passo importante que os trabalhadores deram naquele período construindo um movimento de caráter Nacional e é nesse contexto que nasce o MST.

“A partir desse momento o movimento já nasce com caracter nacional, popular e massivo e com seus objetivos e princípios muito bem claro, onde o principal motivo é a luta pela terra, mas já se tinha em mente que era preciso avançar na reforma agrária que é o segundo objetivo e também na transformação da sociedade brasileira, que era continua sendo muito injusta e com princípios também muito claro que é levado em conta inclusive hoje, um movimento talvez diferente dos outros, com direção coletiva, com divisão de tarefas, com seus dirigentes vinculados a suas bases” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

O MST é um movimento que herda os principais princípios e valores de outras organizações e dá esse passo de qualidade, então em 1985 o movimento planeja uma atividade, um momento de acirramento das lutas, onde depois do 1º Congresso Nacional ocorrido em Curitiba, foram feitas ocupações em todos os estados, principalmente no sul e depois em São Paulo, mas nesse primeiro momento, não atingindo nem 10 estados do Brasil.

“Aqui no Paraná varias áreas são daquele período, tem o assentamento vitória em Lindoeste, bem próximo da região de Cascavel, o assentamento da fazenda Annoni em Marmeleiro que é de um período um pouco anterior, mas que nesse momento dá um passo mais importante. Em fim tem varias regiões do Paraná que tem um marco regional da luta naquele momento em 1985. O movimento começou a expandir não só no Paraná, mas em todo o Brasil de 1985 até 1995 o MST já era praticamente um movimento nacional de fato, enraizados em todos os estados brasileiros. E o Paraná passou por vários momentos que marca essa construção do movimento, passou por dois governos ligados bastante ao neoliberalismo, que na época foi o Jaime Lerner e Fernando Henrique” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

A história do movimento foi marcada pelo massacre de Eldorados dos Carajás no estado do Pará em 1996. A partir de então começou as varias repressões, no intuito de aniquilar de fato o MST.

“No Paraná em oito anos, no governo Jaime Lerner e Fernando Henrique Cardoso (FHC), perdemos dezesseis companheiros aqui no Paraná, com vários despejos na madrugada principalmente na região de Querência do Norte, que é a região que inclusive fazia nossa militância, região Noroeste do Paraná. Com despejos e de muitos companheiros feridos, tendo uma época que treze dirigentes da região estavam com preventiva, foi um período bastante difícil para o movimento. Conseguindo superar esse processo todo, graças à ousadia e a garra do povo Sem Terra e também pelo fato que a sociedade civil organizada se levantou em apoio ao movimento, tinham claro que o que o movimento Sem Terra estava pautando naquele momento, era uma pauta justa” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

O Paraná é um dos estados onde o MST se encontra mais fortalecido,

“Graças às lutas e com o apoio da sociedade, encontra-se 328 assentamentos, espalhados por mais de 126 municípios que totalizam em torno de 450 mil hectares de terra, num universo de 28 mil famílias, que estão assentadas durante esse período todo. E construídos no campo da produção, 20 cooperativas organizadas, cooperativas regionais, que aglutinam em torno de 10 mil famílias, tendo um trabalho muito grande a ser feito” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

O MST passa por um momento histórico bastante importante, quando foi analisado a nível nacional, a necessidade de dar mais um passo de qualidade na organização. A partir de 2000, o movimento passa por um período de estruturação, onde foram criadas as brigadas compostas por 500 famílias, redefinidas com mais ênfase a atuação dos setores (saúde, formação, frente de massa, direção, setor de educação etc.) fortalecendo e desenvolvendo a questão da produção e questão de relação com a sociedade.

“Isso vem de uma leitura que o movimento fazia e faz, desde esse momento de 2000, de que nosso inimigo principal que era o latifúndio, ele tinha mudado de característica, não era mais o mesmo dos anos 80, que o pessoal chamava de “bota suja” que não era mais aquela concentração de terra pra fins de especulação imobiliária e reserva de capital. Um contexto bem diferente do momento que foi criado o movimento, porque se tinha naquele período em 1980, que o pessoal dizia que tinha muita terra sem gente e muita gente Sem Terra. Em 2000 percebe-se que o contexto era diferente e o inimigo de classe que era o latifúndio, agora era outra figura chamada de agronegócio. E isso vem daquele grande momento que os capitalistas tiveram em 1994 a onde os países do G8 (Países de primeiro mundo, que dominam a economia mundial) fizeram o que foi chamado de “nova divisão mundial do trabalho”, a onde a missão da América Latina, inclusive o Brasil foi a de produzir matéria-prima. Então o movimento começou a se dar conta, que o inimigo tinha mudado de característica, porque produzir matéria-prima e minérios, você vai fazer a disputa pelo mesmo território” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

A disputa de território não era com o latifundiário comum o “bota suja”, era uma disputa á frente das grandes incorporações internacionais, fazendo a disputa pelo mesmo território.

Exigindo assim uma qualificação da organização da militância do MST, estabelecendo um vínculo maior com a sociedade. E foi através das contradições desse sistema do agronegócio que concentra extensivamente e intensivamente a terra, produzindo commodities pra exportação. E a partir dessas contradições do agronegócio, que MST formulou um novo olhar principalmente em relação ao trato da terra, então desde 2000, onde ocorreu 4º congresso do MST, foi definido que iriam contrapor ao agronegócio.

“Como aprendemos na teoria da organização o agronegócio é uma força material além de ideológica, e você só combate uma força material com outra força material. Então o movimento se lançou no desafio de construir a agroecologia, para contrapor o agronegócio, então a agroecologia para o MST é mais que simplesmente uma produção de alimentos mais limpos, em fim orgânicos, ela tem todo esse cuidado com o conjunto da natureza, envolvendo a terra, a biodiversidade, a água, a cultura e o jeito de produzir” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

E com isso o MST lançou o desafio de formar novos quadros militantes, construindo cursos de formação com enfoque na agroecologia, no CEAGRO, na Escola Milton Santos, no ITEPA e a Escola Latina Americana, em parceria com universidade e institutos.

“Então dá pra se dizer que nós com todos os limites, avançamos bastante no Paraná, e estamos com o desafio que a partir da leitura que nossos inimigos são outros, de que a reforma agrária clássica distributivista de terra se encontra bloqueada nesse momento” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

Expressando a contradição existente entre o modelo vigente de produção e a pauta do MST que são reforma agrária popular e a produção de alimentos com base agroecológica, pois a América Latina é reconhecida como produtora de matéria-prima para exportação onde,

“Há um bloqueio político e econômico em relação à reforma agrária, porque o agronegócio cumpre uma função, estratégica dentro do que está estabelecido para o Brasil e América Latina que é a questão da produção de matéria-prima. Então a ferramenta é construir a reforma agrária popular, que não é nada mais que fazer a relação com a sociedade brasileira a partir da produção de alimentos, alimentos limpos, esse cuidado com a natureza. Onde os desafios são muitos porque nós estamos hoje com mais de 12 mil famílias acampadas no Paraná, em torno de 70 ocupações e que promete muito, mas já temos a leitura que precisamos implementar a agroecologia nos nossos territórios, porque se é pra nós ocuparmos a terra pra

reproduzir o agronegócio, gradativamente vamos perdendo o apoio da sociedade, e com isso vai perdendo a legitimidade de fazer a luta” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

Uma vez que a sociedade consiga enxergar no MST, um produtor de alimentos limpos, não terá cidadão de sã consciência, que possa ser contra o movimento, então esse é o grande desafio, pois é reconhecido pelas suas ocupações, pelos trancamentos de rodovias, pelas mobilizações, lutas contra os pedágios, as marchas, e aos poucos estão avançando nessa nova forma de reconhecimento, que é um movimento de caráter popular, que se preocupa não somente com a reforma agrária, mas também com o bem estar social da população.

“Todos os produtos que saem dos nossos assentamentos e acampamentos, eles vão ser industrializados e vão parar em outras marcas, aí o sujeito que está na cidade se alimentando com feijão, leite ou com outro produto que está em outra marca e não sabe que aquele produto saiu de um assentamento, então nossas cooperativas estão desafiadas, a organizar essa produção sobre tudo a produção limpa e com a marca da reforma agrária, com a marca do MST, esse é o grande desafio e que a população na cidade ao adquirir um alimento, reconheça naquele alimento que tem muita luta, muito esforço, que tem um histórico por trás disso tudo e que vale a pena apoiar. E assim vamos seguindo nessa caminhada, de avançar na reforma agrária e de avançar na transformação da sociedade brasileira” (Representante do MST-PR: Depoimento. Entrevistadora: Indianara dos S. Maia. Cascavel: MST, 2018).

Foram feitas muitas ocupações, muita luta, muito sangue derramados de companheiros e companheiras militantes do MST para se conseguir um pedaço de terra, plantando seu próprio alimento, sem o uso de venenos, para darem seguimento no projeto de vida pautado pelo movimento, que é se trabalhar a questão dos alimentos orgânicos e a agroecologia nos acampamentos e nos assentamentos da reforma agrária.

A possibilidade de reduzir e facilitar o trabalho, assim como torná-lo mais saudável, através de uma melhor relação com a natureza é especialmente importante nas decisões dos agricultores sobre inovações tecnológicas (ANDRIOLI, 2007).

Sendo assim podendo planejar o modelo de produção que vise sua autonomia e capacidade de planejamento das atividades produtivas, fazendo uso de tecnologias que não agrida o meio ambiente e a natureza.

Por ser dotado da razão, o ser humano é, ao contrário de outros seres vivos, capaz de refletir sobre as causas e conseqüências de suas ações e, desta forma, sobre sua identidade, sua posição e responsabilidade no mundo e sobre o sentido da vida. Essa capacidade de reflexão e auto-reflexão define a existência humana. A reflexão é o conflito com a natureza interna e externa, com opiniões e experiências próprias e de outros (...). Por isso, o resultado da reflexão é também emancipação, ou seja, libertação do indivíduo da dependência social, política e espiritual e a conquista da

autonomia livre de preconceito (TISCHLER, 1998: 232 apud ANDRIOLI, 2009, p.34).

Onde as famílias se sentiram parte da natureza e do processo produtivo de trabalho, produzindo alimentos saudáveis respeitando os ciclos da natureza e a vida do solo.

A dependência da produção agrária do solo é determinada pela sua fertilidade e sua localização. A fertilidade de um solo está associada às suas propriedades (físicas, estruturais e nutricionais), sendo mais propícia a determinadas espécies de plantas, apresentando, a partir deste fator, um diferencial em relação a outros tipos de solo. O solo não é somente um substrato, mas um complexo sistema vivo (bactérias, fungos, insetos e uma ampla diversidade de pequenos seres vivos). Por isso, este fator também depende da relação entre os processos biológicos e a natureza. “O ‘princípio’ fundamental da agricultura, é que ela se relaciona com vida, ou seja, com substâncias vivas. Seus produtos são o resultado de processos vivos, e seu meio de produção é o solo vivo” (SCHUMACHER, 1981, p. 100).

A agroecologia é muito mais que uma simples ciência, ou um enfoque científico, é uma opção de modo de vida das famílias, pois considera os aspectos ambientais, sociais, culturais, éticos e políticos da agricultura onde a produção ecológica se concentra na agricultura familiar e camponesa. Sua produção é diversificada, e a família tem mais autonomia e independência.

O uso do termo agroecologia se popularizou nos anos de 1980, a partir dos trabalhos de Michel Altieri e, posteriormente, de Stephen Glissman, ambos os pesquisadores de universidades estadunidenses, e que são considerados atualmente como os principais expoentes da “vertente americana” da agroecologia (GUHUR; TONÁ 2015, p. 32).

A agroecologia é parte de uma proposta diferente de como viver no campo, por isso se trabalha todas as dimensões: econômica, ecológica, política e cultural, mistura o melhor dos conhecimentos dos camponeses e agricultores com as mais avançadas tecnologias e pesquisa para se produzir alimentos de qualidade e diversidade, sem agredir o meio ambiente e a natureza.

A agroecologia pode ser caracterizada como “uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores dos recursos naturais, apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis” (Altieri, 1989), proporcionando dessa maneira, bases científicas para apoiar processos de transição a estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentável (CAPORAL; COSTABEBER 2004 apud MST 2015).

Na produção agroecológica tem que ter a interação com o todo, dentro da própria unidade de produção. No trabalho a família toda é inserida nas diversas atividades, onde a

mulher, o jovem e a criança tem um papel fundamental nas tomadas de decisão, não é somente o homem que delega o que acontecerá com a propriedade ou quais serão os próximos plantios e todo planejamento de curto em longo prazo.

A agroecologia possibilita a emancipação do homem pelo homem, pois o agricultor que tem a agroecologia como uma forma de vida, tem autonomia de sua produção e principalmente das suas sementes, tendo assim uma agricultura sustentável e produtiva.

(...) a agroecologia orienta práticas de aproveitamento da energia solar através da fotossíntese, manejo do solo como um organismo vivo, manejo de processos ecológicos (como a sucessão vegetal, os ciclos minerais e as relações predador-praga), cultivos múltiplos e suas associações com espécies silvestres, de modo a elevar a biodiversidade dos agroecossistemas, e na ciclagem da biomassa (incluindo os resíduos urbanos). Dessa forma, “o saber agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir ‘com a natureza’” (LEFF 2002, p. 44).

Os alimentos agroecológicos não tem nenhum tipo de agrotóxicos ou adubos químicos sintéticos utilizados em suas culturas, ou seja, não é usado nenhum tipo de adubos nitrogenados de fora da propriedade.

Esse tipo de produzir respeitando a natureza também faz o resgate dos conhecimentos populares, dos conhecimentos dos nossos antepassados, sua cultura e formas de organização, são ferramentas centrais na proposta de ter a agroecologia como símbolo de resistência no campo.

(...) a população do campo são portadoras de um saber legítimo, construído por meio de processos de tentativa e erro, seleção e aprendizagem cultural, e que lhes permitiu captar o potencial dos agroecossistemas onde convivem há gerações. Basta lembrar que a esmagadora maioria das espécies agrícolas e dos animais domésticos atualmente existentes é obra do trabalho coletivo e milenar dos povos camponeses e não de institutos de pesquisa, universidades ou empresas. Evidentemente, não se trata de descartar a ciência e a tecnologia, mas da necessidade de um diálogo de saberes, que reconhece os povos do campo e da floresta como sujeitos privilegiados da agroecologia (GUHUR; TONÁ 2015, p. 35).

Agroecologia tem como característica a diversidade da vida, uma das questões fundamentais que a natureza criou. Construir uma vida no campo, de geração a geração, não negando os níveis de tecnologia, mas adotando os que não destruam a natureza, como por exemplo, a enxada. Com esse modo de produzir vamos produzindo alimentos saudáveis, potencializando os recursos disponíveis na unidade familiar, resgatando as sementes daquilo que se deseja plantar, com diversidade de produção e fortalecendo a agricultura camponesa,

(...) a qual se baseia fundamentalmente no uso sustentado do capital ecológico, sendo orientada para a defesa e melhoramento da condição de vida dos camponeses. Uma das principais características desse tipo de agricultura é, muitas vezes, a multifuncionalidade, sendo a mão-de-obra fundamentalmente familiar (ou mobiliza dentro da comunidade rural através de relação de reciprocidade) e pertencendo as terras e outros meios de produção essencialmente também á família. A produção é orientada pelo mercado, mas também para a reprodução da unidade agrícola e da família (PLOEG 2008, p. 18).

A agroecologia se torna uma ferramenta muito importante para a agricultura familiar, em relação à qualidade dos alimentos e como símbolo de resistência ao modelo de produção vigente.

A possibilidade de desmascarar o caráter explorador e destruidor da agricultura capitalista através da experiência com a agroecologia e de associar a necessidade da sua organização política com outras forças anticapitalistas na sociedade, pode conferir uma dimensão revolucionária a um movimento ecológico e cooperativo dos agricultores familiares (ANDRIOLI, p.33, 2009).

A agroecologia pode se concretizar numa necessidade política, pois trabalha em conjunto com a natureza, conseguindo alcançar a sustentabilidade da unidade de produção, ajudando na autossustentação familiar, na formulação dos conhecimentos e conquista da autonomia.

A agroecologia pode ser entendida com uma reação às conseqüências negativas da aplicação das assim chamadas teorias modernizadoras, especialmente nos países mais pobres. Ela tem, por isso, um forte componente social, pois, pela sua capacidade de redução de insumos externos e de preservação das condições naturais de produção, ela pode atuar de uma forma economicamente estabilizadora para pequenos agricultores, objetivando a redução da dependência tecnológica (WOLFF, 1992). Porém, ela somente pode adquirir uma maior importância social como inovação técnica na medida em que não se limita à correção de erros da tecnologia agrícola tradicional. Potencialmente, portanto, ela pode almejar, através de uma ação interdisciplinar, a ruptura com o desenvolvimento tecnológico dominante no meio rural, contribuindo para a construção de possibilidades de organização alternativa dos pequenos agricultores, que venham a fortalecer sua autonomia de ação. O objetivo da agroecologia, segundo Gliessmann (2001), é o desenvolvimento de uma agricultura que seja, ao mesmo tempo, ambientalmente sustentável, produtiva e rentável (ANDRIOLI, pp. 31/32, 2009).

A agroecologia está baseada na ação coletiva, onde os conhecimentos de todos são compartilhados, havendo a valorização do trabalho sem agredir o meio ambiente e a natureza, tendo geração de renda para a família e são os agricultores que determinam o uso de tecnologias e as formas de trabalho.

Se trata também de um processo de aprendizagem, na medida em que os agricultores são capacitados a refletir organizadamente sobre seus problemas concretos e, acompanhados de conhecimentos científicos, a desenvolver soluções que, tendo em vista a sua complexidade, exigem uma ampla organização social e política, de forma que o capital cultural (conhecimento) possa se converter em capital social (BOURDIEU, 1983 apud ANDRIOLI, 2009, p. 32).

O processo contribui na autonomia dos agricultores, onde não se encontra refém do modelo de produção capitalista, dos pacotes tecnológicos e das grandes empresas desmascarando,

o caráter explorador e destruidor da agricultura capitalista através da experiência com a agroecologia e de associar a necessidade da sua organização política com outras forças anticapitalistas na sociedade, pode conferir uma dimensão revolucionária a um movimento ecológico e cooperativo dos agricultores familiares. Isso, entretanto, depende da possibilidade de desvelamento das contradições da economia capitalista, partindo de uma experiência de produção socializadora do seu interior, de maneira que as estruturas de dependência tecnológica, econômica e social deixem de ser ocultas e passem a ser conscientes, conduzindo à formação de movimentos sociais mais amplos (ANDRIOLI, p.33,2009).

A agroecologia é a base para o fortalecimento do MST perante a sociedade, sendo reconhecido nacionalmente por ser um movimento produtor de alimentos limpos e saudáveis.

Dai a importância da luta pela terra, pois com a conquista da terra que deveria ser um direito de todos, ter acesso a ela, não precisaríamos lutar por ela, mas com as lutas dos movimentos sociais, sua conquista possibilita que milhares de famílias pobres, acessem um pedaço de terra para produzir alimentos de qualidade para seu autossustento, sendo estes de origem orgânica e/ou agroecológica.

Para incentivar, informar e avançar no processo da agroecologia nos assentamentos e acampamentos o MST começou a construir alguns centros de formação e encontros voltados para o debate da agroecologia, onde as jornadas de agroecologia acontecem todos os anos no estado do Paraná, sendo este um espaço de formação política, cultural e de manutenção da vida, através dos conhecimentos e saberes compartilhados ao decorrer de todo evento, que acontece por quatro (4) dias seguidos, tendo um papel muito importante na massificação de tornar o MST reconhecido Nacionalmente como um produtor de alimentos saudáveis, na massificação da agroecologia.

As duas últimas jornadas de agroecologia aconteceram no município da Lapa, onde a última trouxe o resgate da história do companheiro Valmir Mota de Oliveira (KENO), em homenagem aos 10 anos da sua morte, pelos homens da empresa Syngenta em 2007, no município de Cascavel. As jornadas são uma ferramenta que só vem a somar e fortificar a

luta, onde encontra-se jovens, adultos, idosos, crianças, mulheres, todos com seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória de vida, que compartilham com os demais ali presentes.

Fruto desse processo ganhou consciência e amplitude à proposta de realização da Jornada de Agroecologia, não somente no sentido de organizar um evento de impacto na sociedade paranaense, mas igualmente como uma forma de construir e constituir uma ação dinâmica e permanente que evidencie e aglutine um conjunto enorme de ações localizadas e dispersas, mas que se ganhando força e consciência pela busca de uma alimentação saudável. Isso lança o desafio, as agricultoras e agricultores agroecológicos, produzirem alimentos agroecológicos para a maioria da população, escapando do oportunismo do “nicho de mercado”, que abastece quem pode pagar o preço diferenciado (MST, 2004, p. 06).

Tendo alguns objetivos como articular a proposta da agricultura familiar ecológica, a não utilização de agrotóxicos, intervir nas propostas de políticas públicas para a agricultura familiar, regatar os saberes populares, a pertença a terra, o cuidado com a semente e a importância de ser ter autonomia, domínio das sementes, entre muitas outras coisas, ou seja, informar, conscientizar e divulgar a agroecologia como uma estratégia de resistência no campo. Os encontros de agroecologia tornaram-se concretas a formação de feiras nos municípios e no caso de Cascavel isto também se efetivou.

Segundo Galvan (2017) a feira proporcionou um espaço de convivência e interação da sociedade e comunidade acadêmica, possibilitando novos espaços de interação, aberturas para palestras, oficinas, pesquisas, fazendo com que a Universidade se torne um espaço de conhecimento e de cultura, um espaço que oportuniza novas perspectivas de formação da pessoa humana e de seus valores, só tendo a acrescentar para a população local, abriu um leque de informações sobre a alimentação saudável e quebras de tabus, referente à Universidade, sociedade, alimentos orgânicos, movimentos sociais e agroecologia.

O Assentamento Valmir Mota teve nos últimos anos retrocessos na produção de alimentos saudáveis, onde grande parte das famílias assentadas passou a produzir de modo convencional se adaptando a,

Lógica da produção capitalista através da adoção de técnicas mais “modernas”. Através da divisão do trabalho é possível, de maneira semelhante como na indústria, a separação do planejamento do trabalho de sua execução, de forma que os agricultores, assim como os trabalhadores da indústria, passam a ser subjugados ao poder da técnica. Partindo-se do pressuposto de que existe uma correspondência entre o paradigma da técnica e o sistema político vigente, os agricultores são levados, gradativamente, através das instituições políticas, a se adaptarem ao modelo técnico mais adequado às relações capitalistas (ANDRIOLI, 2009 pp. 29/30).

As famílias do Assentamento Valmir Mota, que não trabalham com a produção orgânica e/ou agroecológica, mesmo tendo produtos que poderiam ser comercializados na feira agroecológica realizadas todas as quinta-feira na Unioeste e na feira dos orgânicos ao sábado realizada no centro de Cascavel, por exemplo, não podem mandar seus produtos, devido não fazerem parte do grupo de orgânicos e terem os produtos certificados, o que é uma exigência para a participação. Mas é provável que com a conjuntura atual, e as questões relacionadas à saúde ajudem a repensarem o modelo de produção que visam para sua unidade de produção.

Considerando a existência de uma dualidade da agricultura familiar, ou seja, a interação entre produção e consumo, pode ser constatada uma crescente atenção dos agricultores com relação à qualidade dos alimentos e suas conseqüências à saúde da família. Essa relação entre produção de valor e necessidades humanas, contraditória com o modo de produção capitalista, constitui uma particularidade importante da agricultura familiar com relação ao uso de tecnologias (ANDRIOLI, 2007, p. 33, 2009).

Ao passo que as famílias produzem também a um consumo familiar, que não é contabilizado pelas famílias do grupo de orgânicos. Sendo assim vê-se a necessidade de sistematizar os dados da produção, contabilizando o consumo familiar.

2.3 PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ORGÂNICOS: DESAFIOS, LIMITES E POTENCIALIDADES ENCONTRADAS.

Quando se discute produção e comercialização de produtos oriundos dos assentamentos a vários fatores que interferem e influenciam esses dois processos, contudo ao observar a realidade e o modo camponês de fazer agricultura encontram-se muitos desafios, limites e potencialidades, onde a natureza da unidade agrícola é bem diferente do modo de produção capitalista.

No seu conjunto, as características discutidas definem a natureza distinta do modo camponês de fazer agricultura, o qual é, basicamente, orientado para a busca e subsequente criação de valor agregado e emprego produtivo. Nos modos capitalista e empresarial, os lucros e os níveis de receitas podem ser aumentados através de uma redução dos insumos de trabalho, o que significa que ambos os modos se desenvolvem através do refluxo de trabalho. Devido à posição do trabalho na condição camponesa, bem como à natureza da unidade agrícola familiar (SCHEJTMAN, 1980), isso não acontece no modo camponês de fazer agricultura (e, se acontecer, então significa regressão) (PLOEG, 2008 p. 62).

O trabalho empregado e a qualificação na produção da unidade familiar dependem muito do tamanho da família, considerando a grande demanda de produção e o dialogo entre os componentes, sendo essa uma relação de reciprocidade.

A disponibilidade de uma força de trabalho qualificada é um aspecto estratégico e indispensável da base de recursos, por conseguinte, é possível prever que quanto maior for o valor agregado disponível na unidade de produção (o que, na maioria das vezes, coincide com o tamanho da família camponesa), maior será o valor disponível para os autores individuais. Isso se aplica quando as relações internas são relativamente democráticas, isto é não autoritárias (PLOEG, 2008, p. 64).

A liberdade que os agricultores têm em produzir seu próprio alimento é um dos fatores que contribuem para a intensificação do trabalho na unidade de produção, onde a condição da terra também é fator importante para gerar desenvolvimento.

A agricultura orgânica e as varias expressões de multifuncionalidade e a evolução da “agricultura de baixo custo” refletem um aumento do uso de trabalho, tanto nas unidades de produção como no setor como um todo. Ao mesmo tempo essas mesmas tendências de desenvolvimento geram o valor agregado extra necessário para cobrir o aumento do uso de trabalho (PLOEG, 2008, p. 66).

Esse aumento de trabalho na unidade de produção ajuda a cobrir os custos com o consumo do grupo familiar. “Por outro lado, existe a luta pela emancipação, isto é, trabalhar a

terra o melhor possível para obter o melhor rendimento e, assim níveis mais elevados de valor agregado” (PLOEG, 2008, p. 82).

Para isso os camponeses precisam fazer um planejamento das demandas e atividades existentes na propriedade, seguir um calendário agrícola para as atividades relevantes da unidade de produção, tendo essa forma de controle, as famílias se enxergaram nesse processo de trabalho e assim conseguir excedentes, pois, “é difícil conseguir excedentes no final do ciclo produtivo que sejam suficientes para cobrir as despesas familiares durante o ciclo seguinte” (PLOEG, 2008, p. 85).

Ao mesmo passo que se tem produção, também há um consumo familiar, onde muitas vezes não se tem recursos ao final do mês para novos investimentos, por isso a necessidade de produzir ao máximo possível, para suprir o autoconsumo.

Os assentados que mechem com a produção orgânica no assentamento, trabalham por um período de tempo maior do que os que trabalham com a produção convencional, fazendo a relação dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e os conhecimentos presentes, mesmo que o mercado sofra oscilações de preços, conseguem comercializar seus produtos, pois a demanda por alimentos saudáveis aumentam a cada ano.

Com uma área de 7,3 a 8,3 hectares os camponeses não conseguirão permanecer no campo se trabalharem com o modelo de produção dominante, como a monocultura e com os agrotóxicos, sendo extremamente necessário combater o agronegócio. Pois ao contrário grande parte das famílias vai optar pelo trabalho assalariado, que já é realidade, doando sua força de trabalho para as grandes empresas do município de Cascavel.

Ademais o trabalho assalariado implicaria custos monetários acrescidos que devem ser evitados sempre que possível, de acordo com o contexto da “agricultura de baixo custo” (...) não significa necessariamente uma estagnação e/ou regressão. Pelo contrário, um novo tipo de dinâmica está emergindo, dentro do qual a produção de novidades é a chave. As novidades ou inovações camponesas podem ser aqui definidas como uma combinação particular de práticas e descobertas novas através das quais os camponeses conseguem aumentar a eficiência técnica de seu processo de produção (PLOEG, 2008, p. 87).

Essa dinâmica do trabalho assalariado e o trabalho na unidade de produção, “evidenciam um dos principais paradoxos da agricultura do terceiro mundo: Existe potencial para uma grande riqueza, contudo os camponeses e agricultores locais não têm acesso a ela” (PLOEG, 2008, p. 90).

É de extrema importância se trabalhar com uma maneira diferente de produzir, sendo está com diversidade e respeito à natureza, trabalhando com a produção orgânica seguindo princípios agroecológicos como forma de resistência ao modelo do agronegócio.

Vendendo o excedente da produção com um padrão de circulação simples, sendo esta de porta em porta ou nas feiras agroecológicas que ocorrem no município. Os consumidores desses produtos ajudam a reduzir o trabalho empregado na produção até a venda direta, pois contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar.

Onde esta se organiza com base no trabalho, nas novas relações e na busca por autonomia, reduzindo a dependência de insumos externos.

As características fundamentais da condição camponesa são a luta por autonomia que se realiza em um contexto caracterizado por relações de dependência, marginalização e privações. Essa condição tem como objetivo e se concretiza em a criação e desenvolvimento de uma base de recursos auto-controlada e auto-gerenciada, a qual por sua vez permite formas de co-produção entre homens e a natureza viva que interagem com o mercado, permitem a sobrevivência e perspectivas de futuro e se realimentam na base de recursos e a fortalecem melhorando o processo de co-produção e fomentando a autonomia e, dessa forma, reduzem a dependência (PLOEG, 2008, p. 40).

Essa busca por autonomia e as formas de co-produção com a natureza, fazendo a junção “com as tecnologias e os conhecimentos adquiridos, começa a mudar o modelo de produção (PLOEG, 2008, p. 52).

Aproveitando da melhor forma possível os recursos naturais, sem agredir o meio ambiente, a natureza e a saúde de quem consomem os alimentos, fazendo uso da força de trabalho familiar, mantendo relações entre a unidade produtiva, mercados e consumidores.

A primeira característica importante do modo camponês de fazer agricultura é que ele é orientado para a produção e crescimento do máximo de valor agregado possível. Em segundo lugar, dentro do modo camponês de fazer agricultura, a base de recursos disponível por unidade de produção e consumo é, quase sempre, limitada (Janvri, 2000, p.9-11) Em terceiro lugar, e relativamente à composição quantitativa da base de recursos, a mão - de -obra será relativamente abundante, enquanto os objetos de trabalho (terras, animais, etc.) serão relativamente escassos. Em quarto lugar, a base de recursos não se divide em elementos opostos e contraditórios (como em trabalho e capital, ou em trabalho mental e trabalho manual). Uma quinta característica, que se segue as características já mencionadas, é a centralidade do trabalho: os níveis de intensidade e o desenvolvimento continuado dependem criticamente da quantidade e qualidade do trabalho. Uma sexta característica diz respeito à especificidades das relações estabelecidas entre a unidade de produção camponesa e os mercados (PLOEG, 2008, pp. 60/61).

O MST tem como objetivos principais, a terra, a reforma agrária de cunho popular e a transformação da sociedade, tendo alguns desafios para alcançar esses objetivos, como a formação de jovens e adultos, organizar as equipes, a juventude, o grupo de mulheres, e de varias outras demandas que vão surgindo já na época de acampamento. Hoje um dos principais desafios é como organizar a produção dentro dos assentamentos, sendo estes

alimentos limpos e de qualidade, levando em conta vários aspectos, respeitando a realidade de cada grupo familiar.

Os desafios da reforma agrária popular são muitos, mas quero aqui frisar a importância da reforma agrária popular quando se trata da produção nos assentamentos. O MST criou uma proposta de reforma agrária popular onde,

Reúne medidas amplas, abrangentes, que representam e sintetizam as principais ideias sobre o modelo de agricultura que defendemos para o País e pelo qual lutamos. Esse programa sintetiza uma estratégia de resistência ao modelo de agricultura capitalista do agronegócio e propõe um processo de acúmulo de forças, tendo como objetivo a construção de um novo modelo de agricultura, voltado para as necessidades de todo povo brasileiro (MST, 2014, p. 39).

E esse novo modelo de agricultura ao qual se referem é a agroecologia que busca abranger a realidade dos assentados e suas necessidades, de se ter alimentos de qualidade, diversidade e em quantidades contínuas não somente para suprir suas necessidades, mas para fornecer alimentos de qualidade para a população local, sem agredir o meio ambiente, a natureza e a saúde de quem consome esses alimentos.

Viabilizando o desenvolvimento das unidades de produção, com produção diversificada, como forma de geração de renda através da comercialização dessa produção. Buscando juntamente com o grupo de assistência técnica os vários mercados no município e na região, permitindo assim, a construção de um Projeto Popular¹².

A agroecologia inicialmente era tratada no Assentamento Valmir Mota como uma definição política, onde as famílias tirariam o alimento saudável da sua própria unidade de produção. E conseguiriam tirar seu próprio sustento das possíveis linhas de vendas no município de Cascavel e em torno.

A agroecologia se insere desta maneira, na busca por construir uma sociedade de produtores livremente associados com a sustentação de toda vida (Via Campesina, 2006), na qual o objetivo final deixa de ser lucro, passando a ser emancipação humana (GUHUR; TONÁ 2015, p. 36).

As unidades de produção do Assentamento Valmir Mota têm grandes potencialidades para se trabalhar a agricultura orgânica e/ou agroecologia, pois as unidades estão localizadas numa área de assentamento próxima ao centro de Cascavel, o que facilitará a venda dos

¹² O Projeto Popular para o Brasil é um projeto político de um conjunto de forças sociais que lutam por profundas transformações da sociedade brasileira. A base do Projeto Popular se baseia no conceito de Povo Brasileiro, por representar a razão e o sentido de nossa luta e fundamentar nossa autoestima e nossa própria identidade (Fonte: Dicionário da Educação do Campo- 2012 apud MST 2018).

produtos, levando em conta a grande demanda, que a população de Cascavel necessita de alimentos oriundos da agricultura familiar, sendo estes, alimentos de qualidade.

O assentamento no primeiro ano em que as 83 famílias, já se encontravam em cima dos lotes produzindo alimentos de qualidade, com princípios agroecológicos, algumas famílias se sentiram encurraladas, quando se deram conta de que plantar alimentos agroecológicos, demanda tempo, mão de obra e matéria prima da própria unidade de produção.

No último ano (2017) o assentamento teve um retrocesso no que diz respeito aos acordos coletivos e políticos de sustentabilidade, pois algumas famílias optaram por fazer uso de insumos oriundos de fora das unidades de produção, quebrando os acordos coletivos, mas sabemos o quanto é difícil trabalhar o tema da agroecologia quando não se tem diálogo e conscientização do tema da agroecologia bem frisados na época de acampamento, de se produzir alimentos de qualidade, sem agredir o meio em que se vive. Uma das causas que veio a acarretar esse problema também foi à falta de crédito para esse modo de produção e até então as famílias não receberam nem um tipo PRONAF (Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar), apenas o apoio inicial (Fomento).

Em contraponto a isso tem algumas dessas famílias que fazem parte do grupo dos orgânicos que estão resistindo,

Através da experiência, aprenderam que a terra deve ser cuidada, cultivada, alimentada e descansada. Muitas das práticas comuns de agricultura tradicional refletem esse saber (...) quando, ao longo da história foram esquecidas ou negligenciadas essas práticas, o preço pago tem sido elevado: os fertilizantes sintéticos e seus efeitos são a prova disso (MST, 2015, pp.51/52).

Para encaminhar o processo de certificação participativa ocorrem reuniões mensais como mostra a figura abaixo.

Figura 2- Primeiras reuniões do grupo de orgânicos, ainda em fase de acampamento.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel abril de 2014.

As famílias tem que ter 70% de participação no grupo, após um ano de participação pode-se fazer o pedido de certificação e então depois de cumprido as normas, recebem o selo do orgânico pela rede Ecovida. É de costume ter rodas de conversa, reuniões e oficinas nas casas dos integrantes do grupo como mostra a figura abaixo.

Figura 3- Reunião do grupo seguido de oficina.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Agosto de 2014.

Onde se tem trocas de experiências e ajudas na questão de implantação de barreiras ou algum tipo de manejo na propriedade. Em todas as reuniões, é feita uma ata e assinada pelos participantes, como forma de registro e os coordenadores representantes do grupo, participam das reuniões do grupo gestor Oeste a cada três meses.

A produção orgânica exige maior envolvimento de mão de obra, de forma que o consumidor desse tipo de produto contribui, em âmbito social e ambiental, para o fortalecimento e a viabilização da agricultura familiar brasileira, assumindo um papel decisivo nesse contexto de transição (AZEVEDO, 2012 p. 165).

As famílias recebem assistência técnica que é feita pela ITAIPU, mas quem gestiona é Centro de Apoio a Produção Agroecológica (CAPA). As unidades de produção só conseguiram ter acesso à assistência técnica de qualidade por pertencerem a um grupo de orgânicos. No assentamento a grande maioria das unidades de produção não se tem uma assistência técnica frequente, pois os mesmos acreditam que a produção de alimentos orgânicos é um atraso e que não trás rentabilidade em curto prazo.

No início do ano de 2017 o prefeito atual da cidade, em parceria com os movimentos sociais, criaram a política dos quintais orgânicos, ou seja, todos os terrenos baldios

encontrados na cidade tornaram quintais orgânicos, onde toda população, principalmente a mais carente conseguiu ter acesso a alimentos de qualidade. Onde os terrenos baldios que eram polos de contaminação e doenças, agora passam a serem polos de alimentos frescos e saudáveis. Estão realizando a comercialização desses produtos nas feiras dos orgânicos. A feira era realizada no sindicato como mostra a imagem abaixo.

Figura 4- Feira de produtos orgânicos na APP sindicato (Associação de Pais e Professores).



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2016.

Atualmente a comercialização é realizada na feira agroecológica que ocorre nos cinco campi da Unioeste (Em Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu, Medianeira e Francisco Beltrão), mas o foco é a feira agroecológica no campus de Cascavel ao qual o grupo de orgânico Valmir Mota faz parte, como mostra a figura abaixo.

Figura 5- Feira realizada na Unioeste campus de Cascavel.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2017.

Segundo Galvan (2017) as feiras agroecológicas dos campi da Unioeste surgiram de uma parceria entre Universidade, comunidade, movimentos sociais e o CAPA e muitas outras pessoas que estavam vinculadas as discussões nos anos anteriores, mas somente no ano de 2016 em contra ponto com as feiras que tem como viés o processo mercantil, ou seja, é uma feira alternativa que visa não somente o econômico, mas a interação entre comunidade e Universidade, quebrando alguns tabus referentes à agroecologia e alimentos orgânicos.

Onde além da população local estar consumindo produtos de qualidade, que não agriquem o meio, está contribuindo para fortalecer a agricultura familiar, mais específico de áreas de Reforma Agrária, como o Assentamento Valmir Mota, o pré-assentamento Resistência Camponesa e o assentamento Olga Benário localizado em Santa Tereza, ao qual também participam da feira na Universidade.

Essa iniciativa abriu um leque de interação entre a comunidade e a Universidade e assentamentos, pois através da feira a Universidade pode dialogar mais com a população local, abrindo novas oportunidades de parcerias. A feira de orgânicos não está ali somente pelo viés econômico, ela gera saúde, vida, dialogo, parcerias e conhecimento. Pois muitos dos consumidores da feira procuraram consumir alimentos orgânicos oriundos da agricultura

familiar há pouco tempo, alguns pelo fato de sofrer algumas enfermidades oriundas dos agrotóxicos, e outros ao qual se encontra a pequena minoria pelo conhecimento e conscientização adquirida sobre as causas dos agrotóxicos na saúde, no ambiente e na natureza.

Os consumidores procuram adquirir mercadorias que tenham baixo valor, seguido de uma boa qualidade. Os alimentos orgânicos, comercializados nas feiras têm um preço diferenciado, devido à força de trabalho utilizada e a alta qualidade nutricional, comparados com um alimento convencional.

Isso é uma grande barreira para muitas pessoas de classe social baixa, que não tem muita escolha na hora de comprar seus alimentos, pois a maior parte das pessoas que consomem produtos certificado orgânicos faz parte de uma parcela da população que é de classe social média ou alta.

Muitos desses consumidores somente fazem uso dos alimentos orgânico devido à alguma enfermidade, onde nota-se que nos últimos 25 anos tiveram uma crescente na oferta e na demanda desses alimentos mais nutritivos.

Em suma, ao adquirir o orgânico, o consumidor contribui para favorecimento da saúde, para a qualidade de vida das futuras gerações e para a preservação dos ecossistemas naturais, e essa contribuição tem um valor inestimável (AZEVEDO, 2012 P. 165).

O grupo de orgânico Valmir Mota tem uma preocupação em relação a quem estão sendo produzidos esses alimentos? E quem está de fato acessando esses produtos? Pois por um lado o público que tem frequentado as feiras, são pessoas que tem conscientização ou que sofreram alguma enfermidade e por isso optaram por esse produto, sem pensar nos custos, mas que por outro lado também apresentam ter uma renda razoavelmente boa. Em relação aos preços dos produtos vendidos nas feiras, alguns acham os preços elevados, outros já dizem ser baratos de mais devido ao tempo e dedicação na hora de se produzir esses alimentos.

As famílias vêm trabalhando com os preços, para que fique de modo mais acessível, para toda população de Cascavel, mantendo um preço popular, sem desvalorizar o trabalho, as dificuldades e a dedicação na produção desses alimentos. Pois não estão comercializando os produtos apenas pelo viés econômico, mas proporcionando acessibilidade de alimentos mais saudáveis e de qualidade, tendo princípios de promover saúde á quem consome.

Segurança alimentar (SAN) compreendida como: “a realização dos direitos de todos ao acesso regular e permanente aos alimentos de qualidade, em quantidade

suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como bases práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentável (Brasil, 2010^a)”, (AZEVEDO, 2012, P. 193).

O grupo precisa avançar na comercialização dos produtos, pois ainda não tem um marketing, onde no produto deve conter as informações do produtor, a origem do alimento, as condições de processamento, o valor nutricional e as vantagens do consumo de orgânicos, o que ajudaria na divulgação dos produtos e os consumidores saberiam que estes produtos são oriundos de áreas de reforma agrária, produzidos no assentamento.

A agricultura familiar tem grande importância quando se refere á alimentos saudáveis e a feira está proporcionando uma melhor aproximação entre agricultor e consumidor, pois ali os consumidores tomam mais nota do que é realmente a agricultura familiar e principalmente que esses produtos são oriundos de áreas de reforma agrária, ao quais muitas pessoas criminalizam antes de conhecer.

É de extrema importância o dialogo que se tem entre produtor e consumidor, pois quando a feira acontecia no sindicato de Cascavel, praticamente do outro lado da cidade, os consumidores passaram a frequentar na feira da Unioeste. Onde toda a semana nos dias de feiras o movimento de pessoas na Universidade é bem maior.

O que veem contribuindo para isso, é a utilização da tecnologia a favor da mesma, onde toda semana os produtores sabem quais são os pedidos e demandas para a feira, o que facilita na hora da preparação dos produtos que serão levados, evitando excesso e perda de mercadoria, o que ajudou muito na divulgação da feira e dos produtos, além de darem visibilidade à diversidade de produtos que a agricultura familiar e agroecologia proporcionam.

As famílias assentadas tem um grande desafio na construção da agroecologia dentro dos assentamentos, tornando o MST reconhecido Nacionalmente, não por apenas ocupar fazendas improdutivas, mas por produzir alimentos de qualidade para a população, tendo as feiras como espaço de trocas e educação popular.

A comunidade esta organizada de acordo com a estrutura orgânica do MST, no qual se dá em núcleos de base, compostos de dez (10) a onze (11) famílias, em um total de oito (8) Núcleos de Base. Com a distribuição dos lotes, as famílias se depararam com várias dificuldades na organização e infraestrutura do mesmo, muito pela questão de não se ter nenhum tipo de recurso para as construções e demandas da unidade de produção.

Somente parte das famílias assentadas recebeu o “crédito de apoio inicial”, no valor de R\$ 2.400,00, (dois mil e quatrocentos reais) apenas, tudo que foi designado para fins de aplicação em infraestrutura em 2014 (FERRREIRA, 2017, p.53).

E com isso muitas famílias começaram a vender sua mão de obra no município de Cascavel e entorno. Deixando de lado a atividade agrícola, e até mesmo romperam com os acordos coletivos, de se produzir apenas agroecológico, sem o uso de venenos e insumos externos, passando então a produzir convencionalmente.

Por mais fortes que sejam essas contradições, há uma outra que necessita ser observada com mais atenção: o uso de agrotóxicos. Esta é uma contradição do agronegócio porque, por um lado, não se consegue produzir monocultivos sem eles, mas, de outro lado, seus efeitos na saúde e no meio ambiente são cada vez mais gritantes e difíceis de serem encobertos. Durante toda sua cadeia, os agrotóxicos deixam um rastro de morte e doença (MST, 2015, pp. 61/62).

Com altas taxas de agrotóxicos, muitos com a desculpa de não conseguir fazer a colheita, pois segundo estas famílias, agroecologia demanda muita mão de obra e não trás renda imediata, deixando de lado a questão da agressão ao meio ambiente e a própria saúde.

Podemos dizer que a população brasileira está com a corda no pescoço. Querendo ou não, toda a população encontra-se exposta aos efeitos maléficos dos agrotóxicos, enquanto o agronegócio acumula milhões e milhões de dólares por ano. A Anvisa, um dos órgãos do governo responsáveis pela regulamentação desses produtos no país, alerta que diversos tipos de agrotóxicos são comprovadamente prejudiciais à saúde e já proibidos em outros países. Enquanto isso no Brasil os agrotóxicos continuam sendo comercializados e utilizados indiscriminadamente nas lavouras (MST, 2015, p. 63).

As famílias do assentamento que optaram por esse caminho,

(...) Estão assumindo um modelo insustentável, pois não conseguem se manter e competir numa economia de escala, que precisa de cada vez mais terra, com altos uso de tecnologias e insumos (MST, 2015, p. 66).

Em contraponto a isso, nove (9) unidades de produção dessas 83 famílias, foram além de produzir alimentos saudáveis, sem o uso de agrotóxicos, buscar a certificação das suas unidades de produção, certificando seus produtos como alimentos orgânicos, na forma de certificação participativa, pela rede ECOVIDA,

(...) o MST compreende que a mesma está na presença de um sistema que viabiliza o controle social e não porque exista uma legislação que determina um conjunto de documentações dos agricultores e/ou comprovações burocráticas. São as ações de entre ajuda, como o mutirão para colher ou para aplicar os biofertilizantes, ou para

produzirem a compostagem; as relações de confiança que se estabelecem no processo, são os principais elementos de garantia do sistema de certificação. Mesmo as Visitas de Pares, não são encaradas como uma fiscalização, mas sim como uma forma de ajuda e ensinamento. Portanto, o Sistema de Garantia é mais do que uma questão formal, burocrática, de procedimentos administrativos, é, sobretudo uma efetivação de relações horizontais de confiança e entre ajuda (MARTINS, 2017, p. 183).

Para melhor compreensão e trocas de conhecimentos, garantindo a qualidade no produto, seguindo princípios para chegar à agroecologia, pois,

É urgente e necessário tomar as experiências de produção sem veneno uma ruptura com o itinerário técnico-químico-dependente, com a ampliação da transição agroecológica nos nossos assentamentos e, ainda, denunciar e combater seu uso na região e nos vizinhos aos assentamentos (MST, 2015, p.66).

As famílias que hoje fazem parte do grupo de orgânico Valmir Mota, optaram por fazer uso de uma agricultura mais saudável, otimizando os recursos naturais e socioeconômicos disponíveis, tendo como objetivo a sustentabilidade ecológica e econômica como descreve a LEI N° 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Uma produção que envolve o grupo familiar, utilizando sua força de trabalho, para o auto sustento, produzindo uma alimentação saudável pelo caminho da agroecologia, voltados também para os mercados locais, como feiras e venda direta ao consumidor.

Pois essas famílias tem consciência que grande parte da comida que chega á nossa mesa, através dos mercados é produzida com o uso de agrotóxicos, com sementes que foram modificadas e adubos químicos, perdendo todo seu potencial de nutrição, sabor e qualidade, aprendendo a cultivar de um modo alternativo, produzir alimentos orgânicos e/ou agroecológicos, respeitando a natureza, o meio ambiente, e principalmente as pessoas consomem esses alimentos.

O grupo de famílias tem como principio básico produzir alimentos de base agroecologia, pois era a proposta do assentamento, o modelo de produção orgânica, surgiu da necessidade de comercializar esses produtos, garantindo ao consumidor alimentos de qualidade. O modo de produzir qualificou a vida das famílias que aderiram essa prática.

Estas medidas concretas contribuem para um processo de mudanças que o MST aponta como necessário para implementar a reorganização dos assentamentos, relacionadas com a Reforma Agrária popular em nossos territórios. Portanto, precisamos construir propostas concretas de superação do uso de agrotóxicos em nossos assentamentos e, ainda, denunciar e combater seu uso na região e nos vizinhos aos assentamentos (MST, 2015, pág. 66).

Esse grupo de famílias buscou a certificação participativa,

Esse sistema de rede de geração de credibilidade tem o objetivo de garantir a qualidade dos víveres ecológicos produzidos pelos grupos que compõem a rede (ONGS, associações, grupos informais, profissionais ligados a agroecologia, consumidores) e não onera a cadeia produtiva. Para a pesquisadora da Pesagro, essa é uma visão mais coerente com os princípios do movimento orgânico, mais justa para a sociedade, com a participação de todos na construção dos conceitos, da repartição dos frutos, na busca por um desenvolvimento harmônico da sociedade (AZEVEDO, 2012, p. 115).

A certificação visa o envolvimento de todos os integrantes, nas decisões que vai desde o que produzir, até onde e como comercializar seus produtos, tendo normas e combinados a seguirem,

(...) como o cadastramento no Ministério do Desenvolvimento Agrário e o termo de responsabilidade solidária, declaração assinada por todos os membros dos agricultores familiares organizados, comprometendo-se com o cumprimento dos regulamentos técnicos da produção orgânica (AZEVEDO, 2012, p.115).

Buscando a garantia de que todos os integrantes do grupo de orgânicos tenham uma produção livre de agroquímicos, proporcionando aos consumidores uma alimentação saudável e melhorias na qualidade de vida.

Conhecer o processo histórico de construção em agricultura orgânica e/ou agroecologia no assentamento Valmir Mota é importante para conhecer como o grupo se organiza e quais seriam as possíveis ações visando a melhoria da produção e na comercialização. Através da sistematização dos dados dos processos de produção e comercialização agroecológica será possível observar e entender as formas de resistência do grupo de orgânicos dentro do assentamento. Com a sistematização dos dados se identifica os limites e desafios ao desenvolvimento produtivo.

3. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas¹³ com nove (09) famílias inseridas no grupo dos orgânicos do Assentamento Valmir Mota, sendo esta entrevista gravada por áudio para possibilitar melhor organização e compreensão com um olhar voltado para a comercialização desses produtos oriundos das unidades de produção e suas maiores dificuldades tanto em produzir, como em comercializar seus produtos. E quatro (04) entrevistas semiestruturadas com alguns consumidores da feira da agroecologia na Uniãoeste, sendo estas entrevistas aplicadas a partir de um questionário, respondido via correio eletrônico, com um olhar voltado para o perfil dos consumidores da feira.

O trabalho é um estudo de caso¹⁴ qualitativo¹⁵ realizado no Assentamento Valmir Mota de Oliveira localizado no município de Cascavel no Paraná e quiçá região Oeste do Paraná, ao qual precisa avançar na compreensão e prática da matriz agroecológica. Pois a problemática do assentamento está em torno do modelo de produção convencional adotado pela maioria das famílias do assentamento nos últimos anos. Com o intuito de ajudar através da pesquisa as famílias camponesas e assentadas a mudar o modelo de produção fazendo a transição do convencional para o orgânico e/ou agroecológico.

As análises se concentram por um lado nas observações e entrevistas a partir de indicadores pré-estabelecidos pela pesquisadora e por outro lado nas vivências dos camponeses em suas unidades de produção. Onde através da história do assentamento e a percepção dos agricultores residentes no Assentamento Valmir Mota, procurou-se entender melhor como se constituiu a opção estratégica pela agricultura orgânica e/ou agroecologia e quais as ações vislumbradas como processo de implantação dessa matriz tecnológica no assentamento.

¹³ Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, suportados em teorias que interessam à pesquisa, podendo surgir hipóteses novas conforme as respostas dos entrevistados (OLIVEIRA, 2011, p.37).

¹⁴ Estudo de Caso único: Segundo Yin (2001), o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo dos fatos objetos de investigação, permitindo um amplo e pormenorizado conhecimento da realidade e dos fenômenos pesquisados (OLIVEIRA, 2011, p.28).

¹⁵ De acordo com Bogdan & Biklen (2003), o conceito de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo (...) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, destacam-se a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso (OLIVEIRA, 2011, pp. 24/25).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo está fundamentado nas bases teóricas sobre a temática da produção e comercialização de alimentos orgânicos no Assentamento Valmir Mota, bem como na análise das entrevistas feitas com os produtores que fazem parte do grupo de orgânico criado em 2014, com alguns consumidores da feira agroecológica da Unioeste e nas observações participantes da pesquisadora, visando o âmbito econômico, ambiental e cultural das famílias estudadas.

4.1 AS FAMÍLIAS ESTUDADAS E SEU ESPAÇO

A história do assentamento teve início no ano de 2004, quando as atuais famílias assentadas saem do acampamento Primeiro de Agosto e começam o processo de luta para conseguir um pedaço de terra na fazenda Cajati.

Foi demorada a negociação das terras, de modo que em 2006 os atuais assentados resolveram iniciar os plantios na área. A aquisição de parte da fazenda Cajati pelo Governo Federal ocorreu em 2010. A partir daí os acampados começaram a fazer suas casas, barracos, hortas, paióis, chiqueiros entre outros, construções rústicas, formando uma comunidade de pré-assentamento onde está localizada até o momento aguardando a divisão e sorteio dos lotes. Todas as estruturas foram feitas para aguentar no máximo 1 ano, prazo em que as famílias esperavam receber seus lotes (INCRA, 2012, p. 49).

O Assentamento Valmir Mota faz parte de uma brigada de 500 famílias, chamada brigada Teixerinha, o assentamento tem 83 famílias assentadas em lotes individuais e um lote que é coletivo, onde encontrasse a unidade demonstrativa de leite. Doze (12) famílias que fazem parte do grupo de orgânicos, trabalhando com a agricultura orgânica, mas apenas nove (9) famílias tem a certificação, e outras três (3) famílias fizeram o pedido de certificação nesse ano (2018). As demais famílias do assentamento que somam 71 lotes produzem monocultivos de modo convencional.

A expansão dos monocultivos pelo país, segundo os resultados do mapa, entra em conflito com povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas, colônias de pescadores, agricultores rurais e camponeses, boias-frias que trabalham nos canaviais, populações que vivem próximas às áreas de pulverização aérea, além dos grupos ambientalistas que procuram defender os ecossistemas ameaçados. O agronegócio, e seu processo produtivo, são responsáveis por inúmeros efeitos: a grilagem de terras em que há disputa por territórios rurais habitados por povos tradicionais e assentados da reforma agrária; a degradação dos ecossistemas, que

afeta principalmente as populações que dependem de sua vitalidade, como indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e agricultores dedicados à agroecologia; a contaminação por agrotóxicos das populações expostas, sobretudo os trabalhadores e moradores de áreas pulverizadas, ou ainda as populações atingidas por acidentes ambientais que atingem corpos hídricos e inúmeros municípios, e mesmo os consumidores de alimentos contaminados. Revela-se, assim, como a expressão mais perversa da violência contra lideranças e populações que habitam tais territórios e buscam defender seus direitos e modos de vida (CARNEIRO et al, 2015, pp.173/174).

O assentamento possui oito (8) grupos de famílias, ao qual cada grupo possui mais ou menos dez (10) a onze (11) famílias, onde se tem presente à questão de gênero, a exemplo a coordenação de cada grupo, tendo na coordenação do grupo um homem e uma mulher, o que é uma forte discussão no movimento de se ter a participação igualitária. As famílias do assentamento têm várias linhas de produção, sendo pecuária leiteira, grão (feijão, milho e soja), hortifrúti e animais de pequeno porte para consumo. Sendo sessenta e sete (67) com uma área de 7,3 hectares e dezesseis (16) com uma área de 8,3 hectares.

Uma das maiores potencialidades do assentamento é sua topografia, com parcelas, em sua maioria, variando de planas a suave ondulada. Com relação à rede de mananciais, nascentes e fontes de água para a utilização dos assentados, esta existe, mas somente permitem o acesso de alguns lotes, havendo a necessidade da perfuração de poços artesianos para atender a demanda dos demais lotes do assentamento. Foi estimada a necessidade de três (3) poços. Possui a área de reserva legal quase que completamente vegetada. A Área de Preservação Permanente (APP), por outro lado, possui 23,51% (8,2353 ha) a recuperar. Além deste fator, há um problema relacionado à falta de recursos para cercar estas áreas ou para o desenvolvimento de qualquer tipo de atividade agropecuária (INCRA, 2013, pp. 44/45).

No Assentamento encontram-se bastantes recursos hídricos que facilitam na hora da produção de alimentos, mas não contempla todas as unidades, dessa maneira a grande maioria precisou recorrer a recursos próprios e fazer poço artesiano, ou semi-artesiano. A topografia no assentamento não é fator limitante, principalmente pelo fato do assentamento apresentar solos de textura argilosa, com área maior de terrenos plano ou suave ondulado como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1- Declividades encontradas no Assentamento Valmir Mota.

Declividades			
Classe	Intervalo (%)	Área (ha)	%
Plano	0 - 5	390,63	43,85%
Suave ondulado	5 - 10	326,24	36,62%
Ondulado	10 - 15	117,76	13,22%
Muito ondulado	15 - 25	53,26	5,98%
Fortemente ondulado	25 - 45	2,92	0,33%

Fonte: INCRA. Mapa de declividade 2013.

A atividade geradora de renda familiar e que tem um potencial por ter um mercado já estabelecido no assentamento é pecuária leiteira.

Com isso as famílias interessadas estão investindo na diversificação de pastagens, construção de benfeitorias, aperfeiçoamento em técnicas de manejo e cultivo e assim produzir para comercializar, sem maiores complicações. Há também potencial para produção de frutas e hortaliças, devido à demanda do município e do fácil acesso do local via BR277 (FERREIRA, 2017, p. 54).

Das 83 famílias, onde a maior parte é constituída de adultos, a maioria mora hoje em casas de madeira, ao qual aguardam a casa destinada as famílias de áreas de reforma agrária, pelo programa minha casa minha vida (criado em 2009) e uma minoria em casa de material.

Na comunidade do assentamento encontra-se, um campo de futebol para lazer, ainda em fase de construção, a escola estadual nas casas de madeira, construídas pelos próprios assentados, com a escola municipal de material, que foi inaugurada no dia 17 de Março de 2018¹⁶, mais uma conquista do assentamento e com duas Igrejas uma católica e outra evangélica, onde a religião predominante é a católica. Esses espaços coletivos são de grande importância para o fortalecimento da comunidade.

Na área da saúde as famílias buscam assistência no São João distrito de Cascavel, que tem cerca de 6 km do assentamento. Os casos mais graves são encaminhados para os hospitais na cidade de Cascavel.

¹⁶ “É o resultado de 15 anos de luta pelo acesso à educação. Desde 2003 as crianças passaram por diferentes processos: escola de barraco de lona, escola de tapume, escola de taquara, escola de madeira e, agora, uma estrutura digna que reúne as condições necessárias para aprendizado” (por Geane de Paula - página do MST, 19/03/2018).

4.2 PARA MAIOR COMPREENSÃO E ANÁLISE DA REALIDADE PESQUISADA

Foram realizadas entrevistas com nove (9) famílias inseridas no grupo de orgânicos, onde as demais famílias não tiveram disponibilidade. Todas as famílias que fazem parte do grupo dos orgânicos vivem no momento de outras rendas oriundas da força de trabalho assalariado e tem a comercialização dos produtos como um complemento da renda.

A semelhança que essas famílias têm é que todas fazem parte do grupo de orgânicos, chamado Valmir Mota criado em 2014 e que há muito tempo esperavam um pedaço de terra para poder plantar seu próprio alimento.

A luta pela conquista da terra “própria” para os Sem Terra tem grande significado, pois se trata do investimento na vida, desde o acampamento segundo os assentados, recebem uma quantia de terra para o cultivo e com isso recebem e compartilham orientação de cuidados com o solo, boas práticas de manejo e cultivo, ou seja, fazer com que a pequena área produtiva esteja pautada na produção de alimentos, preferencialmente sem uso de agentes químicos, prejudiciais à vida não só humana, mas a toda biodiversidade. (FERREIRA, 2017, p. 48).

Com a conquista da terra em 2012 cada um tinha vivo dentro de si a pertença ao movimento e a vontade de produzir alimentos limpos, sem agredir o meio ambiente, a natureza e a saúde de quem consome. Todas tem produção para o autoconsumo familiar e todas tem a disponibilidade de comercializar o excedente da produção na feira da Unioeste, e nos demais pontos de comercialização, mas nem todos estão mandando seus produtos pra serem comercializados na feira, devido terem pouca produção.

Dentro do grupo de orgânicos a maioria das famílias é constituída por algum integrante que tem ensino superior ou está cursando algum curso, o que de certa forma qualifica o trabalho na unidade familiar.

Das doze (12) famílias que fazem parte do grupo de orgânicos do assentamento, apenas nove se disponibilizaram á participaram da pesquisa, onde dessas nove (9), apenas duas (2) famílias não tem nenhum integrante com ensino profissionalizante ou que estejam cursando. Entres os cursos de formação têm-se profissional na área de Tecnólogo em Agroecologia com cinco (5) pessoas, Pedagogia duas (2), Técnico em Agropecuária uma (1) e cursando Agronomia uma (1) e Veterinária uma (1).

4.3 A PRODUÇÃO E AS UNIDADES

A agricultura orgânica no assentamento surgiu da necessidade de comercializar esses produtos, pelo fato da dificuldade de mercado e do produto não ter identificação, que é o selo de certificado. O grupo de orgânico segue as linhas da agroecologia, preservando a natureza, os recursos naturais, ou seja, preservando a vida.

As unidades de produção são dirigidas por toda a família, onde todos estão inseridos no processo de produção. Para conseguir produzir alimentos orgânicos e adquirir o certificado as famílias tiveram que seguir alguns passos.

Segundo as famílias as principais regras para adquirir o certificado dos orgânicos, que são exigências da rede Ecovida são: Participar um ano das discussões do grupo como mostra a imagem abaixo.

Figura 6- Reunião do grupo de orgânicos na casa de um dos integrantes.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2017.

Pois a certificação é de forma participativa¹⁷, onde é debatida e pensada a questão da agroecologia no assentamento e nas unidades de produção.

¹⁷ E de acordo com o caderno de formação da Rede Ecovida (2007, p. 38), a certificação que se realiza na Rede é definida como “um processo de geração de credibilidade em rede” e se constitui de forma descentralizada. Por ser participativa e operada em rede, a certificação precisa atestar um processo de controle social da produção (RADOMSKY 2009, p. 146).

Esse sistema de rede de geração de credibilidade tem o objetivo de garantir a qualidade dos víveres ecológicos produzidos pelos grupos que compõem a rede (ONGs, associações, grupos informais, profissionais ligados à agroecologia, consumidores) e não onerar a cadeia produtiva. Para a pesquisadora da Pesagro, essa é uma visão mais coerente com os princípios do movimento orgânico, mas justa para a sociedade, com a participação de todos na construção dos conceitos, da repartição dos frutos, na busca por um desenvolvimento harmônico da sociedade (NEVES, 2012, p.115).

E todas as exigências tem que ser realizadas, como as barreiras, onde o lote fique isolado dos vizinhos que cultivam de modo convencional para evitar contaminação, até mesmo se o vizinho não passar veneno, fizer uso de coisas mais naturais para o controle de pragas e insetos como as caldas, urina de vaca, sendo o mais natural possível, fazer compostagem e minhocário, ou seja, utilizar os recursos oriundos das unidades de produção. As unidades de produção apresentam diversidades de cultivos e animais como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1- Diversidade de vegetais e animais encontrados nas unidades de produção das famílias inseridas no grupo dos orgânicos.

VEGETAL	ANIMAL
Tubérculos	Bovino de leite
Raízes	Bovino de corte
Folhosas	Caprinos
Frutas	Ovinos
Bulbos	Aves
Cana de açúcar	Suínos
Arbóreas (leguminosas lenhosas e ornamentais).	X
Plantas forrageiras (Napier).	X
Plantas leguminosas (guandu, Leocena, amendoim forrageiro, acácia, moringa).	X
Plantas de cobertura do solo e produção de matéria orgânica (Crotalaria, margaridão, nabo forrageiro, mucuná, feijão de porco, azevém nativo, aveia).	X
Plantas de pastagem (perene e anual).	X

Fonte: Realizada pela autora, 2018.

O sistema de venda dos produtos de algumas famílias que fazem parte dos orgânicos começou com a venda de porta em porta, aproximando os consumidores dos agricultores, criando formas de vínculos e confiança, pois mesmo sem o selo de certificação orgânica, muitos consumidores optam por adquirir esses produtos oriundos de área de reforma agrária, pois sabem que são alimentos diferenciados dos mercados locais, com seu sabor e cor natural, com os aspectos do campo, da agricultura camponesa. Com a aquisição do selo de certificação

orgânica conseguiram expandir as formas de comercialização desses produtos, como a feira agroecológica realizada em todas as quintas-feiras no espaço da Unioeste, mas não deixando de lado esses consumidores domiciliares.

O aumento pela procura desses produtos impulsionou os interesses até mesmo do prefeito atual da cidade. Criou o programa da agricultura urbana, em parceria com o MST na cooperativa COPCRAF¹⁸ no Assentamento Valmir Mota em Cascavel. Os chamados quintais orgânicos fazem dos terrenos baldios um espaço destinado à implantação das hortas comunitárias orgânicas, onde toda população ao redor podem ter acesso e consumir esses alimentos.

As famílias do grupo dos orgânicos poderão se beneficiar do excedente de sua produção, pois terá vários pontos de comercialização dos produtos, na feira agroecológica na Unioeste, de porta em porta, ainda podendo ser comercializados no armazém do campo (mercado), uma estrutura concedida pelo município por concessão de uso de dez anos, mas que ainda não está sendo utilizado.

Quando se trata de alimentos orgânicos muitas portas se abrem para uma possível comercialização, pois Cascavel é uma cidade com grandes demandas de alimentos saudáveis, o grupo de orgânicos no ano de 2018 conseguiu uma parceria com outro grupo de orgânicos e a economia solidária, pra fazer parte de uma feira aos sábados no centro de Cascavel.

Nem todas as famílias que faz parte do grupo de orgânicos conseguem produzir e vender o excedente na feira agroecológica em Cascavel, localizada na Unioeste. O que é um grande desafio que veem enfrentando, muitos pela demanda de mão de obra, e outros pela disponibilidade de tempo e dedicação. Muitos que participam da feira também deixam um pouco do excedente para familiares e vizinhos próximos.

A comercialização desses produtos ainda não consegue trazer uma economia no final do mês para as famílias, atua como complemento da renda, por isso a importância da ampliação do espaço de comercialização. O que é bem interessante, pois as famílias que fazem parte do grupo de orgânicos, com exceção de uma família que vive da comercialização das hortaliças, as demais famílias conseguem ter renda de fora da propriedade, tendo a renda da feira como complemento. A seguir algumas tabelas de preços e produtos comercializados na feira agroecológica de Cascavel.

¹⁸ Cooperativa de Produção e Comercialização da Reforma Agrária e Agricultura Familiar. Cooperativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, localizada no município de Cascavel, no Assentamento Valmir Mota.

Tabela 2- Lista de produtos comercializados na feira da Unioeste/ campus de Cascavel- Março de 2018.

Lista de Produtos da Feira -Unioeste/Campus de Cascavel - Março de 2018		Valor R\$
N	Produto	
	Tuberculos e Outros	
	Abóbora Kabotiá - Kg	R\$ 2,50
	Abóbora Moranga - Kg	R\$ 2,50
	Abóbora Seca- Kg	R\$ 2,50
	Abóbrinha Itália/Verde- Kg	R\$ 3,00
	Abóbora Seca Picada- Kg	R\$ 6,00
	Abóbrinha Menina - Kg	R\$ 2,50
	Vagem -bandeija 300 gramas	R\$ 4,00
	Jiló - kg	R\$ 7,00
	Caxi - Kg	R\$ 2,00
	Chuchu Picado - Kg	R\$ 6,00
	Chuchu - Kg	R\$ 2,50
	Quiabo - Kg	R\$ 8,00
	Repolho - Kg	R\$ 3,00
	Milho Verde - duzia	R\$ 8,00
	Pepino - kg	R\$ 3,00
	Couve de Cabeça Unidade	R\$ 2,50
	Couve Flor-Cabeça	R\$ 4,00

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Tabela 3- Lista de folhosas, plantas panc's e frutas comercializadas na feira agroecológica da Unioeste- campus de Cascavel- Março 2018.

	Folhosas	
	Acelga -Unidade	R\$ 4,00
	Chicória-Unidade	R\$ 2,50
	Alface Americana-Pé/Unidade	R\$ 3,50
	Alface AmericanaLisa/Cabeça -Pé/Unidade	R\$ 3,50
	Alface Crespa - Pé/Unidade	R\$ 3,00
	Almeirão/Cabeça- Unidade/Pé	R\$ 2,50
	Espinafre - Maço 200 gramas	R\$ 2,50
	Rúcula - Maço com 3 a 4 pés	R\$ 3,00
	Couve Folha/Diversas-Maço 300g	R\$ 3,00
	Couve Picada-Pacote 300 g	R\$ 4,00
	Plantas Panc's	
	Alho Poró Caule - 300 gramas	R\$ 2,00
	Cará Moela - Kg	R\$ 6,00
	Almeirão Roxo-Panc's (13 a 15 folhas)	R\$ 2,50
	Ora-pro-nobis maço -22 folhas	R\$ 3,00
	Machiche	
	Dente de Leão - Maço	R\$ 3,00
	Frutas	
	Fisales - Kg	R\$ 20,00
	Banana Prata - Kg	R\$ 4,00
	Banana Maçã - Kg	R\$ 5,00
	Banana Nanica - Kg	R\$ 3,00

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Tabela 4- Lista de frutas e raízes comercializadas na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.

Limão Rosa - 6 a 7 unidades	R\$ 2,00
Limão Sisiliano - Kg	R\$ 5,00
Limão Galego-Kg	R\$ 5,00
Limão Taiti - Kg	R\$ 5,00
Figo -Kg	R\$ 13,00
Gila-Kg	R\$ 3,00
Abacate-Kg	R\$ 3,00
Lima da Persia - 6 a 7 Unidades	R\$ 3,00
Pêssego - Kg	R\$ 7,00
Laranja Umbigo - Kg	R\$ 4,00
Laranja Pera - Kg	R\$ 3,00
Pokan - Kg	R\$ 5,00
Tangerina - Kg	R\$ 5,00
Melancia - Kg	R\$ 1,00
Uva - kg	R\$ 4,00
Morango - Kg	R\$ 18,00
Amora congelada kg	R\$ 18,00
Raízes	
Batata Doce - Kg	R\$ 3,00
Batata Yacon - Kg	R\$ 15,00
Beterraba - Kg	R\$ 4,00
Cebola Família - Kg	R\$ 5,00
Cenoura - Kg	R\$ 6,00
Cebola Roxa e Branca - Kg	R\$ 4,00
Inhame - Kg	R\$ 5,00
Mandioca Amarela (desc.) - Kg	R\$ 5,00
Mandioca Branca (desc.) - Kg	R\$ 5,00
Rabanete Kg	R\$ 4,00

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Tabela 5- Lista de algumas sementes comercializadas na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.

Sementes	
Alho Ito/Nacional Dente - Kg	R\$ 20,00
Alho Comum Dente- Kg	R\$ 16,00
Alho Poró Dente- Kg	R\$ 20,00
Amendoim c/ Casca- Kg	R\$ 8,00
Amendoim Grãos - Kg	R\$ 10,00
Amendoim Torrado - Kg	R\$ 12,00
Arroz Branco-Kg	R\$ 6,00
Arroz Parbonizado- Kg	R\$ 6,00
Ervilha Verde - Kg	R\$ 20,00
Feijão Carioca - Kg (na entre safra deixa R\$8,00)	R\$ 6,00
Feijão Preto - Kg	R\$ 6,00
Feijão Carnaval -Kg	R\$ 7,00
Feijão Vinagrinho - Kg	R\$ 7,00
Pinhão - Kg	R\$ 5,00
Pipoca Roxa - Kg	R\$ 6,00
Pipoca Amarela -Kg	R\$ 6,00

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Tabela 6- Lista de plantas medicinais doces comercializados na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.

Planta Mediciniais		
Capim Cidreira - 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Hortelã Japonesa- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Erva Cidreira - 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Erva Doce - 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Hortelã Folha Miuda/Branca - 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Hortelã Levante- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Hortelã Portuguesa/Mentha- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Melissa - 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Hortelãozinho- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Poejo- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Anador- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Cidreirinha- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Erva Luiza- 26 a 30 gramas	R\$	2,00
Doces		
Cri Cri/Amendoim 150 g	R\$	2,50
Doce Abóbora c/ Açúcar Mascavo 250 gramas/250 ml	R\$	7,00
Doce de Banana c/ Acúcar mascavo (250g)	R\$	7,00
Doce de Abóbora (pote 250 ml)	R\$	6,00
Doce de Banana (pote 250 ml)	R\$	6,00
Doce de Gila - 350 g/250 ml	R\$	6,00
Doce de Amora (pote 250 ml)	R\$	6,00
Doce de Leite - 300 g/250 ml	R\$	6,00
Doce de Batata Yacon (350 g/250 ml)	R\$	6,00
Pé de Moleque 100g	R\$	2,50
Geléia de Pimenta (pote 250 ml)	R\$	6,00
Doce de Manga (pote 250 ml)	R\$	6,00
Doce de Abóbora Cristalizado (pote 250 ml)	R\$	4,00

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Observa-se com essas tabelas a diversidade de produtos que as famílias conseguem levar para a feira agroecológica da Unioeste/ Campus de Cascavel. Porém nem todos esses produtos são certificados orgânicos, mas as famílias estão em processo de certificação. Isso mostra a importância de criar novos grupos de certificação participativa, pois os produtos certificados orgânicos são um pouco mais caros que os alimentos convencionais.

Tabela 7- Lista dos produtos levados por encomenda na feira agroecológica da Unioeste/ campus de Cascavel- Março 2018.

Encomendas - Outros	
Farelo de Arroz - Kg	
Galinha Semi Caipira - Kg	R\$ 12,00
Galinha Caipira Kg	R\$ 14,00
Leite - Litro	R\$ 2,50
Manteiga - Kg	R\$ 24,00
Mel - Kg	R\$ 24,00
Ovos Semi Caipira - Dúzia	
Ovos Caipira- Dúzia	R\$ 8,00
Queijo Temperado- Kg	R\$ 24,00
Queijo - Kg	R\$ 24,00
Nata-250 gramas	R\$ 5,00
Cachaça de Vidro-1 litro	R\$ 30,00
Cachaça - garrafa pet	R\$ 20,00
Melaço 320 gramas	R\$ 5,00
Fubá Kg	R\$ 6,00
Própolis (30ml)	R\$ 10,00
Salame kg	R\$ 12,00
Torresmo 300gr	R\$ 5,00
Queijo ralado(100gr)	R\$ 3,00
Vinagre (500ml)	R\$ 6,00
Banha (kg)	R\$ 10,00
Açúcar macasco Artesanal	R\$ 12,00
Açúcar Macavo - COPAVI - Kg	R\$ 10,00
Melado - Kg	R\$ 12,00
Yorgute Natural- Pote	R\$ 4,00
Yorgute Frutas- Pote	R\$ 5,00
Requeijão-Pote	R\$ 5,00
Manteiga Clarificada - Kg	

Fonte: Arquivos COPCRAF. Cascavel 2018.

Uma das preocupações do grupo não é somente o financeiro, mas para quem estão vendendo esses produtos? Quem está comprando? , pois o grande impasse é produzir alimentos para alimentar a população de Cascavel, com preços acessíveis, a toda população, independente da sua classe social, de sua etnia e de sua religião. Mas o que se observa é que, quem está se beneficiando é a classe média, onde a renda familiar passa de dois salários mínimos e que conseguem frequentar a feira mais de duas vezes no mês, onde os mesmo consumidores tem ensino superior.

Os produtos que as famílias levam para a feira na Unioeste não são em grande quantidade, mas ajuda a complementar renda. Uma das famílias tem a venda dos seus produtos na feira e de porta em porta e atua como renda primaria.

As famílias que fazem parte do grupo de orgânicos enfrentaram bastantes dificuldades na questão dos recursos, pois as famílias do assentamento não receberam nenhum tipo de

recurso (PRONAF), então fazem com a força de cada família, mas falta incentivo por parte do governo e INCRA, para ter mais investimento nessa área e poder avançar, tendo maior qualidade e quantidade no produto.

4.4 AMBIENTES, A AGROECOLOGIA E NOVOS PROCESSOS.

A biodiversidade é a chave da agroecologia e do grupo de orgânicos do Assentamento Valmir Mota, pois nessa diversidade resgatam um pouco da cultura dos pais e avós que antigamente produziam sem nenhum tipo de agrotóxicos, e conseguiam produzir com qualidade, mantendo a família toda trabalhando no campo, mantendo uma vida mais saudável, com a garantia de estar consumindo alimentos nutritivos, que preservam e resgatam os princípios da agricultura familiar. Hoje as famílias reforçam a necessidade de se ter reforma agrária, para que mais famílias retornem para o campo e consiga produzir seu próprio alimento.

A biodiversidade representa para a agricultura orgânica o pilar do equilíbrio e da sustentabilidade. (...) a diversificação cultural faz com que a atividade agropecuária torna-se economicamente mais estável, pela capacidade de absorver as perturbações inerentes ao processo produtivo (sobre tudo as flutuações mercadológicas e climáticas), reduzindo os riscos para o agricultor (NEVES, 1950, p. 38).

O modelo de produção das famílias é agricultura orgânica e/ou agroecologia, as famílias utilizam a prática dos consórcios, rotação de cultura e diversificação das culturas, tem-se o controle de pragas e doenças com as caldas naturais. Buscam aumentar a diversificação das espécies proporcionando assim uma relação de equilíbrio. O fato de no assentamento grande parte das famílias produzirem de modo convencional, as famílias do grupo de orgânicos luta em defesa da biodiversidade.

Para se trabalhar com a agricultura orgânica e/ou agroecologia demanda planejamento, dedicação, esforço, mão de obra, tempo, acima de tudo demanda força de vontade de se trabalhar com alimentos limpos, sem que não agrida o meio ambiente, a natureza ou o ser humano.

O cuidado que as famílias têm com o meio ambiente, desde a separação de o lixo domiciliar, utilizando o lixo orgânico nos canteiros, nas árvores, o cuidado com o solo, fazendo uso de tecnologias que não degrade o mesmo, como a utilização da enxada, a utilização de dejetos dos animais curtidos como adubo, o cuidado e convívio com as plantas

indicadoras, a utilização de caldas como a bordalesa são alguns princípios e cuidados que a agroecologia tem.

“Em relação ao meio ambiente estamos plantando bastantes árvores, nada de químico, porque é totalmente orgânico, nada de lixo esparramado, não fazemos uso de queimadas e fazemos compostagem do lixo que não é reciclado. A compostagem é colocada na horta” (Fala de uma das produtoras. Entrevista concedida a autora 2018).

Todas as famílias têm o cuidado com a questão das barreiras, a questão do não uso das queimadas nas unidades, não faz uso de agrotóxicos e buscam seguir os princípios da agroecologia, produzindo com diversidade, qualidade e o principal respeitando os ciclos da natureza.

Em todas as unidades familiares se observa a diversidade de produtos, desde frutíferas, olerícolas, raízes, plantas anuais, hortaliças em geral, muitas vezes em uma pequena área do lote, pois alguma dessas famílias meche com a pecuária leiteira, o que de certa forma demanda espaço. Nota-se assim a potencialidade que as unidades de produção têm em produzir, sendo muitos deles terrenos plainos e outros levemente ondulados, com boa fertilidade.

“A família tem bastante diversidade, porem a produção é pequena. Como feijão, mandioca, bata doce, milho, amendoim, cara, inhame, olerícolas diversas, como alface, repolho, almeirão couve flor, abobrinha, moranga, abobora e as frutas (pêssego, citros, limão, laranja etc. pouca produção, mas com bastante diversidade). E queremos aumentar ainda mais, estamos ampliando as áreas para maiores produções” (Fala de uma das produtoras. Entrevista concedida a autora 2018).

É realizada a visita de pares nas unidades de produção, para ver se a família está apta a fazer o pedido de certificação de orgânico, junto ao núcleo da rede Oeste. Sendo necessário ter realizado a formação de barreiras, tendo o cuidado com possíveis contaminações oriundas das unidades vizinhas, tendo o cuidado com o solo e com os recursos hídricos encontrados nas unidades de produção, como mostra a imagem abaixo.

Figura 7- Visita de pares, em uma das unidades de produção do grupo de orgânicos.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2015.

4.5 A CULTURA, O COTIDIANO E SEUS DESAFIOS.

A cultura das famílias assentadas é bastante heterogênea, devido à miscigenação oriunda de várias regiões do Brasil, onde cada um possui uma identidade cultural, sendo assim reflete no modo produção, na convivência e nas relações dentro do assentamento.

“A luta pela reforma agrária no Brasil vem de longa data. Acredita-se que uma distribuição mais justa da terra poderia gerar mais empregos e melhorar a renda de muitos brasileiros. Portanto, poderia diminuir o conflito social nos grandes centros urbanos. Mas sabemos que os pequenos estabelecimentos rurais e as cooperativas de pequenos produtores sofrem com a falta de autonomia de gestão e da dependência. Todavia, se somarmos as famílias que trabalham com agricultura familiar, o Brasil verá que é capaz de produzir outras culturas e com mais qualidade. Tal tomada de decisão dará maior liberdade e força aos pequenos produtores e nós que moramos na cidade poderemos usufruir de um alimento mais saudável!” (Fala de um dos consumidores. Entrevista concedida a autora, 2018).

O Assentamento Valmir Mota oriundo de área de reforma agrária tem como objetivo fortalecer a agricultura familiar, e de produzir alimentos que gerem renda para as famílias permanecerem no campo e, além disso, que gere alimentos limpos pra população de Cascavel.

O MST é um movimento de massas que tem a cultura da organicidade e,

Cada vez mais a cultura se tornará consciência, pois tudo o que pensamos, fazemos e sentimos, repetidamente, se constitui na existência da nossa organização. Assim, a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, o núcleo de moradia, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística; enfim, tudo o que existe ou acontece no acampamento ou assentamento é a cultura dos Trabalhadores Sem Terra (BOGO, 2009, p.19).

A agricultura familiar busca através do seu trabalho, sua permanência no campo, plantando alimentos limpos, que não fazem mal a saúde e ao meio ambiente, buscam autonomia, onde conseguem fazer o planejamento da sua propriedade, da sua produção, consegue fazer o manejo com recursos oriundos da sua própria unidade e não crie com isso dependência dos pacotes tecnológicos oferecidos e comandados pelas empresas multinacionais, busca assim sua sobrevivência e autonomia no campo, que é uma das principais características do campesinato. As famílias do Assentamento Valmir Mota vêm de uma trajetória de luta, onde muitos estão desde o começo da criação do MST e tem a agroecologia como um modo de vida.

“A família vem de uma trajetória de luta, desde o período que entrou no movimento tem-se a discussão de produzir alimentos orgânicos, tendo até hoje esse objetivo. Pra se tem um alimentação mais saudável, cuidando mais da saúde da família, optando por ser um modo de vida da família. Onde se sabe que não dá muita renda no primeiro momento” (Fala de uma das produtoras. Entrevista concedida a autora, 2018).

O manejo da produção é seguindo os princípios da agroecologia, cuidando para não agredir o meio ambiente, o solo, a água, tentando trabalhar com as plantas indicadoras, fazendo uso das caldas para controle dos insetos. Esse manejo se dá muitas vezes com o auxílio das técnicas contratadas pelo CAPA que fazem acompanhamentos nas unidades de produção e oficinas para promover as trocas de conhecimentos entre os membros do grupo de orgânicos, como mostra a imagem abaixo.

Figura 8- Momento de estudo sobre criação de galinhas caipiras.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2017.

As famílias buscam trabalhar com meios alternativos para o controle de pragas e inseto, como a calda de pimenta e uso da urina de vaca, onde utilizam na horta, nos citros e no feijão.

Nas reuniões do grupo seria de fundamental importância que houvesse igualdade de gênero, com a participação de toda a família, onde participasse a mulher, o homem e as crianças, mas observa-se que apenas um integrante da família consegue participar ativamente das reuniões do grupo, está que ocorrem cada dois meses. Isso se dá pela demanda de atividades que a unidade de produção necessita o que impede certamente a participação de todos nas reuniões.

Figura 9- Reunião do grupo Valmir Mota na escola Zumbi dos Palmares.



Fonte: Arquivos grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2016.

Toda a família está inserida na produção, onde se tem duas pessoas trabalhando ativamente na unidade de produção, onde na maioria das vezes a mulher está inserida mais na parte do plantio das hortaliças e frutas, o homem no manejo e as crianças ajudam mais na colheita, mesmo inseridos em outras atividades, mas todos conseguem acompanhar o processo de produção, mostrando pertença e carinho com a terra, cultivando os conhecimentos populares. As famílias participam ativamente das atividades que ocorrem na comunidade como festas, Igreja, reuniões, escola, encontros de agroecologia e nas lutas e discussões do movimento.

Geralmente em pequenas unidades camponesa de produção existem duas pessoas trabalhando (marido e mulher, por exemplo, ou pai e filho), aos quais podem estar parcialmente envolvidos em outras atividades. (PLOEG, 2008, p. 79).

Os consumidores buscaram consumir esses alimentos, por conscientização do mal que os alimentos produzidos com agrotóxicos fazem e ou por ter ocorrido algum caso de

enfermidade na família. Muitos buscam comprar somente na feira da Unioeste como mostra a imagem abaixo.

Figura 10- Feira agroecológica na Unioeste campus de Cascavel.



Fonte: Arquivo grupo de orgânico Valmir Mota. Cascavel 2018.

Consegue observar a constante relação entre consumidor e produtor, o que é de fundamental importância. Pois alguns desses consumidores, não tinham conhecimento que os alimentos comercializados na feira, são oriundos de assentamentos da reforma agrária, alguns visitam a casa dos produtores no assentamento, buscando conhecer melhor a realidade do assentamento, do agricultor e ver como o alimento comercializado é produzido.

Não veem problemas dos alimentos orgânicos, ter um preço diferenciado dos alimentos orgânicos vendidos em grandes redes de supermercados, pois tem a compreensão da demanda de trabalho que produzir orgânico demanda, desde a produção, controle das pragas e doenças, convivência com as plantas indicadoras, até a comercialização na feira.

“Acredito que quando falamos de qualidade de vida e de saúde o preço fica em segundos planos. Em relação aos alimentos orgânicos, ainda que possam obter um custo mais elevado, esse justifica-se pela qualidade do alimento e por todos os

benefícios que ela possa trazer a curto e longo prazo” (Fala de um dos consumidores. Entrevista concedida a autora, 2018).

Muitos mesmo que consumindo alimentos orgânicos, e tendo enfermidades na família devido aos agrotóxicos desconhecem o tema, o que é bem preocupante, pois mostra o quanto a população está desinformada sobre esse assunto tão preocupante e que vem destruindo toda forma de vida.

O grande problema que o assentamento enfrenta hoje é a produção convencional, a monocultura e o uso de agrotóxicos, por boa parte das famílias. Não pelo fato de querer trabalhar esse tipo de agricultura, mas isso é reflexo da agricultura que o Brasil vive hoje, sendo extremamente necessário avançar na transição para o orgânico e/ou agroecologia, desconstruindo alguns mitos do agronegócio.

O agronegócio é moderno e traz o progresso para nós: gera emprego e renda, produz alimentos para acabar com a fome no Brasil e potencializa a riqueza do país. É possível usar venenos com toda segurança. Os pequenos agricultores é que são o problema! Nem usam os equipamentos de proteção. O efeito do veneno é só no dia em que se pulveriza. O agronegócio se preocupa com o meio ambiente. O agronegócio promove o desenvolvimento local. Não há problemas com o uso de agrotóxicos, porque “as autoridades estão cuidando da gente”. Não existe outra forma de produzir que não seja a do agronegócio. (CARNEIRO et al, 2015, p. 115).

As famílias que vivem no assentamento têm grandes dificuldades e limitações a acesso de políticas públicas, onde grande parte dessas famílias não conseguiram concluir nem o ensino fundamental, o que segundo o IBGE.

As populações rurais vivem em situação precária e com limitações de acesso às políticas públicas. Segundo o Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2006), 39% dos produtores rurais nunca frequentaram a escola e outros 43% responderam que não haviam completado o ensino fundamental (CARNEIRO et al, 2015, p. 120).

Pois as famílias que não fazem parte do grupo de orgânicos não conseguem trabalhar com a adversidade de produção. Se as famílias do Assentamento Valmir Mota, mesmo que com a produção convencional, conseguisse trabalhar com a diversidade de produtos, abriria caminho para uma possível geração de renda da unidade de produção, o que diminuiria o trabalho assalariado.

Parte da comunidade tem a preocupação devido a quantidade de terra destinado a cada família, que varia de 7,3 á 8,3 hectares, e de como essas famílias conseguiram se manter trabalhando com o monocultivos e de modo convencional em uma área pequena, fazendo com que o assentado se torne refém das grandes empresas de grãos, ficando endividados.

Um dos principais limites que se encontra na produção de alimentos nos assentamentos é adotar o modelo de produção convencional, ao qual é o modelo de produção que está imposto a agricultura. Tornou-se no último ano, uma das problemáticas do assentamento, pois pelo fato do assentamento ser localizado na cidade berço do agronegócio no Paraná, as famílias camponesas sofrem influências desses meios, e acabam por adotar essa prática, muito pela dificuldade de acesso a créditos rurais, dificultando o planejamento da unidade familiar camponesa.

O assentamento tem um grande desafio no que diz respeito a manter as decisões políticas. Pois a matriz tecnológica que está refletindo e tomando forças nos últimos anos, é a matriz do agronegócio. Constata-se a necessidade promover e avançar nos debates sobre a agroecologia a partir da escola Zumbi dos Palmares Aprendendo com a Terra e com a Vida, assim como nos NB não deixando apagar a chama de tornar o assentamento uma referência em agroecologia na região oeste do Paraná.

E para isso as famílias assentadas necessitam se desafiar em criar novos grupos de certificação orgânica (Participativa), o que viabilizaria a venda dos produtos oriundos das unidades de produção.

Uma conquista recente das famílias do assentamento através da cooperativa COPCRAF¹⁹ foi de participar do programa institucional PNAE (Programa Nacional de alimentação escolar) estadual, a cooperativa ganhou parte do projeto somando um total de 935.763,68 em produtos a serem entregues em 46 escolas estadual no município de Cascavel, Santa Tereza do Oeste e Lindoeste. A COPCRAF fez maior pontuação, devido os sócios serem produtores da reforma agrária e parte destes produtores terem a certificação de orgânicos.

Essa é mais uma forma de escoar seus produtos, podendo ser comercializados no programa, tanto produtos convencionais quanto produtos orgânicos e/ou agroecológicos, com preços diferenciados como, por exemplo, um dos produtos mais comuns como a cultura da alface no preço convencional está com o valor de três (3) reais e oitenta e oito (88) centavos o quilo grama (kg), no orgânico e/ou agroecológico esta cinco (5) reais e quatro (4) centavos, como mostra o quadro abaixo.

¹⁹ A construção da cooperativa COOPCRAF se deu em 2002 pelas famílias reassentadas pela Copel, pelo fato de estar parada sem nenhuma função, foi herdada em Março de 2016 pelas famílias do Assentamento Valmir Mota, a partir da necessidade das famílias em comercializarem suas produções. A cooperativa envolve famílias de cinco assentamentos, sendo realizadas as alterações necessárias como estatuto.

Tabela 8- Tabela de preços do PNAE estadual de 2018.

Cooperativa de Produção e Comercialização da
da Reforma Agrária e Agricultura Familiar

CNPJ: 04.750.248/0001-20

TABELA DE PREÇOS - PNAE ESTADUAL 2018

GRUPO HORTALIÇAS	Unidade	Convencional	Orgânico
Acelga	kg	2,49	3,24
Agrião	kg	6,13	7,96
Alface	kg	3,88	5,04
Almeirão	kg	4,43	5,75
Couve Manteiga	kg	4,63	6,01
Espinafre	kg	4,34	5,64
Quiabo	kg	4,79	6,23
Rabanete	kg	3,49	4,54
Repolho verde/roxo	kg	1,72	2,24
Rúcula	kg	5,53	7,18

GRUPO TEMPEROS	Unidade	Convencional	Orgânico
Alho	kg	19,23	25,00
Cebola	kg	2,33	3,03
Cebolinha Verde	kg	8,27	10,75
Limão	kg	1,90	2,47
Pimentão	kg	4,63	6,02
Salsinha	kg	8,08	10,50

DESCONTOS	%
FUNRURAL	2,30
TAXA ADMINISTRATIVA	17,70

GRUPO TUBERCULOS	Unidade	Convencional	Orgânico
Abobrinha Verde	kg	2,37	3,08
Batata Doce	kg	1,98	2,57
Berinjela	kg	3,07	3,99
Beterraba	kg	2,55	3,32
Brócolis	kg	4,34	5,64
Cará	kg	3,12	4,06
Cenoura	kg	2,24	2,91
Chuchu	kg	1,92	2,50
Couve Flor	kg	3,82	4,97
Inhame	kg	2,99	3,89
Mandioca Desc. Bem. A Vácuo	kg	3,58	4,65
Milho Verde sem Palha	kg	3,45	4,49
Pepino	kg	3,00	3,90
Tomate	kg	3,23	4,20
Vagem	kg	5,92	7,70

Fonte: Arquivos COPCRAF. Tabela de preços do PNAE estadual de 2018.

O mercado que é um grande sonho das famílias, está se concretizando devido à proposta de serem comercializados produtos orgânicos e/ou agroecológicos. Em parceria com o município de Cascavel que cedeu o espaço com um barracão com concessão de uso por dez (10) anos, também em parceria com a ITAIPU que liberou cinco mil reais (R\$ 5.000) para a reforma do barracão e aquisição do que for necessário para o funcionamento do mesmo e uma emenda parlamentar de trezentos reais (R\$ 300,00). O espaço concedido para o mercado se localiza próximo ao centro de Cascavel que se encontra ainda em construção. A demanda por produtos saudáveis vem crescendo todos os anos, devido à exigência e consciência da população. Assim é possível perceber a viabilidade da produção orgânica, tanto quando se refere à geração de renda para as famílias, o que se torna mais uma motivação para dar continuidade na produção orgânica e /ou agroecológica, quanto ao cuidado com a natureza, não repetindo o que o agronegócio se estabilize no assentamento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Fernandes (2005), a questão agrária no Brasil tem como elementos principais a desigualdade, a contradição e o conflito. Para se desenvolver, o capitalismo precisa expropriar o trabalhador dos meios de produção e de seu conhecimento; produz e intensifica, portanto, a alienação do homem, mas na atualidade em escala muito mais dramática. Esse processo, segundo o autor, é inerente ao capitalismo e, portanto, insuperável: “ou convive-se com ele, administrando-o politicamente, procurando minimizar os seus efeitos devastadores, produtores de pobreza e miséria, ou supera-se o capitalismo” (FERNANDES, 2005, p. 3-4). Nesse processo de desterritorialização dos trabalhadores rurais emerge a resistência e organização, e o campesinato se (re)territorializa em luta (CARNEIRO et al, p. 170, 2015).

A agricultura no Brasil está voltada para o agronegócio e sua produção de monocultura e a utilização excessiva de agrotóxicos que deu o título em 2008 de maior consumidor de agrotóxicos do mundo o que tem trazido consequências gravíssimas para o meio ambiente, para a natureza e para a saúde humana.

A utilização dos agrotóxicos no Brasil tem trazido sérias consequências, tanto para o meio ambiente como para a saúde de populações como a do trabalhador, especialmente o camponês e suas famílias. Essas consequências são, na maioria das vezes, condicionadas pelo contexto e modo de produção químico dependente, pelas relações de trabalho, pela toxicidade dos produtos utilizados como agrotóxicos e de micronutrientes contaminados, pela precariedade dos mecanismos de vigilância da saúde, pelo uso inadequado ou falta de equipamentos de proteção coletiva e individual. Tal situação é agravada pelas precárias condições socioeconômicas e culturais da grande maioria dos trabalhadores rurais, que ampliam sua vulnerabilidade à toxicidade dos agrotóxicos (SILVA et al., 2005; SOBREIRA; ADISSI, 2003 apud CARNEIRO et al, 2015, p. 124).

A agricultura familiar tem grandes dificuldades ao acesso a recursos financeiros, mas quando se trata do agronegócio, o Estado brasileiro se mostra apto.

O Estado brasileiro se mostra, assim, forte para financiar o agronegócio e isentar os agrotóxicos de impostos, e, ao mesmo tempo, mínimo quando se trata de proteger a saúde da população e do ambiente dos impactos do atual modelo de produção dominante na agricultura brasileira. Trata-se de um modelo baseado na “Revolução Verde”, que de verde só tem o nome (uma de suas principais características foi a quimificação da agricultura), (CARNEIRO et al, 2015, p. 128).

O trabalho parte de uma tentativa de tornar o Assentamento Valmir Mota de Oliveira, um assentamento modelo na matriz tecnológica da agroecologia, que é um dos desafios e propostas do MST para os assentamentos da reforma agrária. E nesse sentido o processo da

história da agricultura e os reflexos no assentamento é fator importante no estudo e compreensão de se trabalhar a importância da agroecologia compreendendo sua base material, suas principais contradições e tendências nesse processo de desenvolvimento.

O público envolvido tem nítida compreensão que a conquista da terra foi um passo importante na busca por mudanças nas nuances sociais, todavia entendem que somente a terra não basta, sem as devidas condições de subsistência e de permanência. Para as famílias um dos grandes desafios da atualidade consiste em livrar-se dos enlaces capitalistas e investir na parcela familiar, utilizando-se dos recursos naturais, para melhor administrá-la. Saber trabalhá-la, aprender com ela e seu tempo, a fim de evitar seu desgaste biológico, com isso visar à preservação da qualidade (manuseio, armazenagem e destino) das sementes torna-se indispensável neste período histórico. O que grande parte dos assentados almeja consiste em investir de fato na “propriedade” familiar, num ramo diversificado de produtos e dela usufruírem não só das condições básicas de subsistência, mas para além desta condição, garantia de vida digna e permanência na terra (FERREIRA, 2017, p.58).

Contribuindo no desenvolvimento das famílias quanto à produção diversificada e a geração de renda através da comercialização nas feiras agroecológicas, mercado do campo e outros mercados para os produtos, renda e sustentabilidade na unidade familiar, compreendendo e interagindo nas questões política, social, ambiental e econômica, permitindo assim a construção do Projeto Popular para a agricultura.

É preciso olhar com mais atenção para a força dos dados sobre a produção de alimentos e as oportunidades de trabalho na agricultura familiar. Os dados apresentados nesta seção, a partir de estudos e dados disponibilizados, principalmente do IBGE, não expressam a diversidade cultural e de formas de construir a vida dos milhões de brasileiros que resistem no campo e nas florestas: são camponeses, agricultores familiares, povos indígenas, comunidades quilombolas, atingidos por barragens, ribeirinhos, caiçaras, faxinais, fundo de pasto, assentados da reforma agrária, meeiros, arrendatários, quebradeiras de coco, seringueiros, artesãos, caboclos, comunidades de terreiros, entre outros povos e comunidades tradicionais (CARNEIRO et al, 2015, p.122).

O MST é uma organização herdeira de outras organizações como já mencionado, as ocupações feitas ao longo desse processo histórico, foram em defesa de um lugar digno de se morar, de um pedaço de terra, de educação de qualidade e alimentos saudáveis. Passando por vários momentos de perda de direitos, de violência, de desigualdades e misérias, onde com a mecanização no campo, muitos perderam suas terras, havendo “muita terra sem gente e muita gente sem terra”, vendo na reforma agrária uma forma de conquista da terra, conquista de direitos que foram negados com a mecanização no campo, com o modelo de produção vigente, com a chamada revolução verde. Aos poucos se deram conta de que só a conquista da terra não era o bastante que a luta não pararia ali.

Ao chegar à terra a visão é de que se chegou ao destino, que o sofrimento cessou, todavia se percebe que esta é somente o passo inicial da luta. Com a organização e a formação que estes acampados obtiveram no decorrer da trajetória histórica, percebem que suas necessidades iam além da busca pela terra. E que não era só a terra que lhes fora negada, mas também outros direitos sociais como saúde e educação e tantos outros. (FERREIRA, 2017, p.41).

É necessário um novo modelo de produção, não igual àquele que retirou o direito a terra, mas um novo modo de vida, onde a família não fique refém dos pacotes tecnológicos. Trabalhando com a agroecologia nos assentamentos da reforma agrária, uma produção que não agride o meio ambiente, a natureza, que não acabem com os recursos naturais, que vise alimentos limpos, sem o uso de agrotóxicos, ou seja, alimentos de qualidade. Com isso vem se trabalhando a proposta da agroecologia nas escolas do movimento, reeducando jovens, adultos, mulheres e crianças, numa nova perspectiva de vida, visando uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

O grupo de orgânicos tem um grande desafio em formar novos grupos de orgânicos no assentamento, buscando assim, abranger todas as famílias, pois a topografia e tipo de solo no assentamento são propícios para se trabalhar com a agricultura orgânica, seja ela na área das olerícolas, frutífera ou hortifrúti. Ao passo que novos grupos forem criados, o assentamento poderá vir a ser um assentamento isento das grandes monoculturas como a soja transgênica.

Para maior aprofundamento e entendimento da base material em agricultura orgânica e/ou agroecologia no Assentamento Valmir Mota de Oliveira e as principais contradições e tendências nesse processo de desenvolvimento, será necessário novos estudos, buscando abranger a sistematização dos dados da produção e pesquisas de mercados alternativos, para viabilizar a comercialização dos produtos orgânicos, buscando assim novas formas de melhorar a renda familiar dos assentados (as).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcos José de; SANTOS, Luiz Carlos Rebelatto dos; CAZELLA, Ademir Antônio. **Rede ecovida de agroecologia**: certificação participativa de produtos ecológicos e organização de núcleos Regionais.

AMADOR, Milton Cleber Pereira. **Guerra do Contestado**: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/562/384>> Acesso em: 09/05/2018.

ANDRIOLI, A. I. (2007). Biosoja versus Gensoja: Eine Studie über Technik und Landwirtschaft im nordwestlichen Grenzgebiet des Bundeslandes Rio Grande do Sul/Brasilien. Frankfurt: Peter Lang.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **O movimento agroecológico como espaço de educação**. Revista espaço acadêmico- N° 100- mensal- Setembro de 2009.

AZEVEDO, Elaine de. **Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social** / Elaine de Azevedo. –São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2012.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**, caderno de formação 3° Edição, p. 19, 2009.

BORIS, Fausto. **História Geral E Civilização Brasileira**. 6ª Ed. v.9. Sociedade e Instituições. Editora Bertrand Brasil, Ano 2006.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Escola é mais que escola. Petrópolis, RJ. Vozes: 2000.

CALDEIRA, João Paulo. **A conquista do voto feminino, em 1932**, 2014 disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/a-conquista-do-voto-feminino-em-1932>> Acesso em: 18/05/2018.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA, SAF, Dater-lica, 2004).

CARNEIRO, Fernando Ferreira. Saúde, ambiente e sustentabilidade. In: **Dossiê da ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CARNEIRO, Fernando Ferreira. Segurança Alimentar e nutricional e saúde. In: **Dossiê da ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CASCAVEL. Portal do Município, **História** Disponível em<
<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php> > Acesso dia 03/05/2018.

CULTURA MIX. COM, **Agricultura no Paraná**, disponível em<
<http://meioambiente.culturamix.com/agricultura/agricultura-no-parana>> Acesso dia
 05/03/2018.

ESPAÇO PLURAL, **A especialização da luta pela terra no Paraná**, Ano VIII, Nº 16, 1º
 Semestre 2007, ISSN 1518-4196.

FERREIRA, Cleide Aparecida. **A LUTA POR TERRA, PÃO E SABER: A escola forjada
 na pedagogia da luta**, 2017.112 f.

FRABRINI, João E.; Roos, Djoni; Marques, Erwin B. **Espaço Plural** . Ano VIII, Nº 16, 1º
 Semestre 2007 em: < [http://e-
 revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/1453/1183](http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/1453/1183) > Acesso em
 07/05/2018.

GANVAN. Revista extensiva: **a extensão em foco**. / Universidade Estadual do Oeste do
 Paraná, Pró-Reitoria de Extensão. – v. 3, n.3 (2017). -- Cascavel: Unioeste, 2017.

GUHUR, Dominique Michele; TONÁ, Nilciney. **MST, ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL:
 UM DIREITO DE TODOS!** Jornada cultural nacional, setor de Educação 1º edição:
 Dezembro de 2015.

INCRA. **Projeto de Desenvolvimento de Assentamento (PDA)** - Valmir Mota de Oliveira,
 Cascavel/PR. 2013.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social; **Nota Técnica;**
 Curitiba, n.16, novembro 2010. Disponível em: <
http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/NT_16_ruralidade_agric_familiar_desenv.pdf >
 Acesso em: 09 de março de 2018.

IPARDES – Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno estatístico municipal
 de Cascavel, 2011. Disponível em:
 <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85800&btOk=ok>>, Acesso
 em: 09 de março de 2018.

KONDER, Leandro. **Marx Vida e Obra**. 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural
 Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./março. 2002, p.36-51.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural
 Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002,p.36-51.

LENIN. As classes sociais e o Estado. In: LENIN V.I. **O estado e a revolução**, 2º edição,
 São Paulo, expressão popular, 2010, p. 25 – 35.

LENINE. **O estado e a revolução**, dezembro 1918, tradução J. Ferreira.

MACHADO. **A dialética da agroecologia**, 1º edição, São Paulo, expressão popular, 2014.

MARTINS, Adalberto, **A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre**: apropriação do espaço geográfico como território de resistência ativa e emancipação - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2017. [279 f.].

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. 3º ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. **Os Economistas - O capital: Crítica da Economia Política – Livro primeiro - O processo de produção do capital, Tomo 2**. Coordenação e revisão de Paul Singer - Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. ed. 1996 - São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MEIRELLES, Laércio. **Boletim informativo**, edição especial: dia da alimentação. Soberania alimentar e a construção de mercados locais para produtos da Agricultura Familiar. Outubro de 2008. Volume 1, edição 1. Boletim editado pelo Centro Ecológico, núcleo Litoral Norte Disponível em < www.centroecologico.org.br/noticias.php > Acesso em: 07/05/2018.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST, **Jornada de Agroecologia**, 3º Encontro Estadual do Paraná, Agroecologia, Ponta Grossa, Editora Popular Irda Maio de 2004.

MST, **O Projeto Popular para o Brasil**. Disponível em:< <http://www.mst.org.br/projeto-popular/> >. Acesso em 02/03/2018.

NEVES, Maria Cristina Prata, 1950; **AGRICULTURA ORGÂNICA** - Uma estratégia para o desenvolvimento de sistemas agrícolas sustentáveis./ Maria Cristina Prata Neves; Dejair Lopes de Almeida; Heuvécio De-Polli; José Guilherme Marinho Guerra; Raul de Lucena Duarte Ribeiro. Seropédica, RJ: EDUR, 2004.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011.72 p.: il.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e Impérios Alimentares**: luta por autonomia e sustentabilidade na era da globalização, Editora UFRGS, 1º edição: 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. GEO PORTAL. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/> Acesso dia 22 de Junho de 2018.

RADOMSKY, Guilherme. F.W **Práticas de certificação participativa na agricultura ecológica: rede, selos e processos de inovação**, Revista IDEAS, v. 3, n. 1, p. 133-164, jan./jun. 2009.

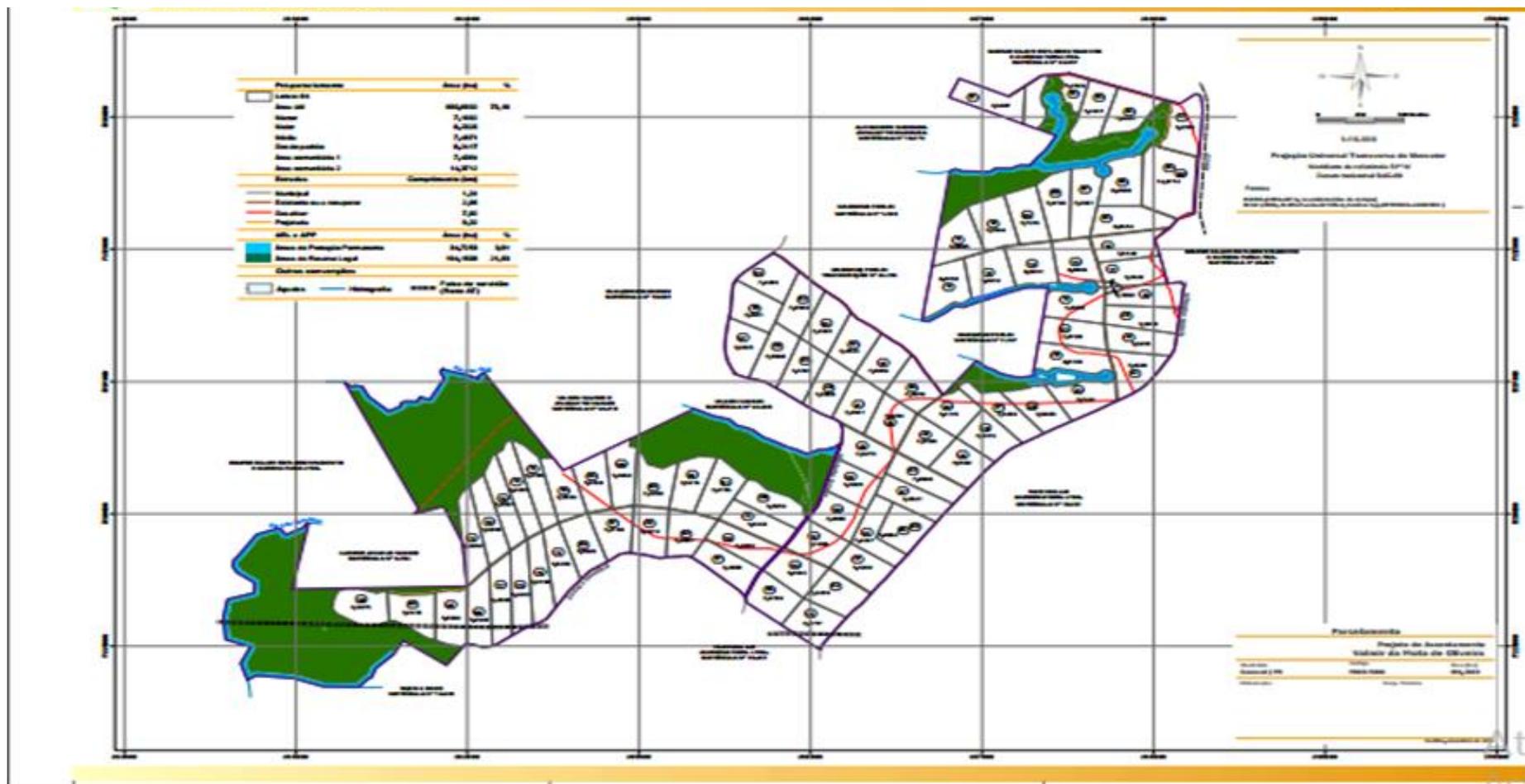
SCHUMACHER, E.F. (1981): Die Rückkehr zum menschlichen Maß. Alternativen für Wirtschaft und Technik , Small is Beautiful“. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

STEDILE, João Pedro; CARVALHO, Horacio Martins de. MST, **ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: UM DIREITO DE TODOS!** Jornada cultural nacional, setor de Educação 1º edição: Dezembro de 2015.

TARDIN, José Maria. A história da agricultura. In: MST, **ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: UM DIREITO DE TODOS!** Jornada cultural nacional, setor de Educação 1º edição: Dezembro de 2015.

ANEXOS

Figura 11- Mapa do assentamento Valmir Mota, fonte INCRA 2009-2011, levantamento de campo. IBGE 2009.



APENDICES

A) Questionário utilizado para entrevista com os consumidores da feira de orgânicos dos alimentos oriundos da produção dos agricultores do grupo de orgânicos do Assentamento Valmir Mota.

(01) Sexo? () Masculino () Feminino.
(02) Idade? () 15 á 25 anos () 25 á 40 anos () 40 á 60 anos () Mais de 60 anos.
(03) Qual seu grau de escolaridade? () Ensino médio Incompleto () Ensino médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior completo () outros, qual _____
(04) Qual é a renda mensal do grupo familiar? () 1 Salário mínimo () 2 Salários mínimos () 3 Salários mínimos () Mais de 3 Salários mínimos.
(05) Pertence a qual religião? () Católica () Evangélica () Espírita () Outras, qual _____
(06) Qual sua frequência na feira de orgânicos? () 1 vez por mês () 2 vezes por mês () três vezes por mês () Mais.
(07) Separam o lixo domiciliar? () Sim. () Não. De que forma? _____
(08) Praticam esportes? () Sim. () Não. Quais? _____
(09) Trata as questões relacionadas à saúde com qual tipo de medicina ? () Convencional () Natural . Por quê? _____
(10) Você tem preocupações pelas questões ambientais? () Sim () Não. Quais? _____
(11) Desenvolve algum tipo de ação na preservação da Natureza? () Sim () Não. Quais? _____
(12) Consome alimentos orgânicos em que frequência? () 1 Vez por Semana () 3 Vezes por semana () Mais de 3 Vezes por semana.
(13) O que levou a consumir esses alimentos? () Doença () Conscientização () Outros, quais. _____
(14) Qual é sua forma de adquirir esses produtos? () Feira UNIOESTE () Mercados () Porta em porta () Outros.
(15) Há quanto tempo consome alimentos orgânicos? () Menos de 1ano () 1 ano () outros, quantos, _____
(16) Qual seu entendimento sobre o agronegócio? Conhece os efeitos dos agrotóxicos na saúde?
(17) Qual seu entendimento sobre a Reforma Agrária e a agricultura familiar? E, em que contribuem para com a sociedade?
(18) Qual sua opinião em relação a diferença de preços dos alimentos orgânicos comercializados em feiras e em grandes redes de supermercados?
(19) Como você vê as questões políticas, sociais, econômicas e ambientais existentes em nosso País?

Fonte: Elaborado pela autora, baseado no questionário de Rucinski 1999.

B) Questionário utilizado para entrevista com os produtores orgânicos que fazem parte do grupo de orgânicos do assentamento Valmir Mota e que também produzem e comercializam seus produtos na feira da UNIOESTE.

(01) O que te levou a fazer parte do grupo de orgânicos? E quais foram os benefícios adquiridos?
(02) A família participa ativamente das discussões do grupo? De que forma?
(03) Participa da feira frequentemente?
(04) Tem diversidade nos produtos? Quais são eles?
(05) Qual a forma de manejo dos produtos comercializados na feira?
(06) A família está inserida na produção desses alimentos?
(07) Quais os cuidados que a família tem em relação ao meio ambiente?
(08) A comercialização trouxe rentabilidade á família no final do mês?
(09) Quais foram os métodos de prevenção que se tomou em relação á certificação orgânica dos produtos?
(10) Quais foram as maiores dificuldades que a família enfrentou ao longo desse percurso (produção, certificação, feiras)?

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.